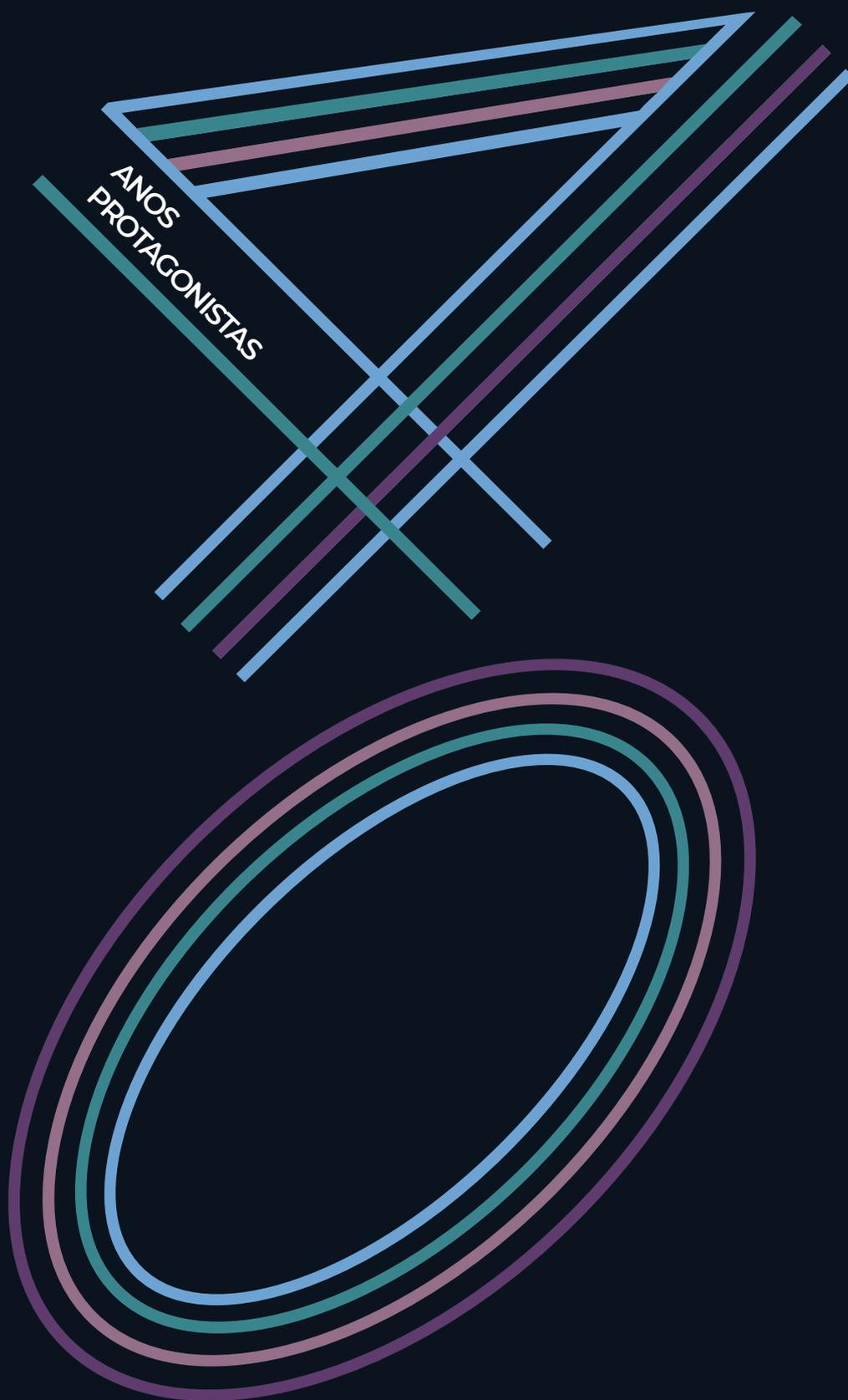


PERFIL LOCAL



4	SOBRE NÓS
6	ZÉLIA BORDALO UM MAÇO DE CIGARROS POR UMA VIDA
8	VANESSA GIL ATENDIMENTO PERMANENTE COM VANESSA GIL
10	SOFIA GARCIA EM DIRETO COM SOFIA GARCIA
12	REGINA MARQUES A PRIMEIRA COORDENADORA DO CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
16	RAQUEL GRANDIN RAQUEL GRANDIN DEPOIS DE UM SONHO
18	PEDRO BRINCA DE SETÚBAL A TIMOR, EM BUSCA DA TRANQUILIDADE
20	PAULO SÉRGIO PONTAPÉ DE SAÍDA PARA O SUCESSO
22	MIGUEL PERES UM NICHÓ COM FUTURO?
24	MIGUEL AZEVEDO EXISTEM SUPER-HERÓIS NA COMUNICAÇÃO?
26	MÁRIO RUI SOBRAL PONTO DE ENCONTRO
28	LUÍS MESTRE OS DESAFIOS E SUPERAÇÕES DE UM MESTRE
30	LUÍS LOURENÇO UMA CARREIRA DE OBSTÁCULOS E REALIZAÇÃO PESSOAL
32	LUÍS BONIXE LUÍS BONIXE E A RÁDIO LOCAL
36	LÍDIA MARÔPO O ATUAL ROSTO DA COORDENAÇÃO DO CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
40	JOSÉ PINA A FALTA DE CULTURA DESPORTIVA
42	JOSÉ LUÍS ANDRADE PARADIGMA TECNOLÓGICO NOS MEDIA REGIONAIS
44	JORGE PEDRO SOUSA O HOMEM POR DETRÁS DAS OBRAS
46	JOÃO PEDRO AMARAL PERDIDO E ACHADO NO TEATRO
48	JOÃO ALDEIA DA PERSEGUIÇÃO À LIBERDADE
50	HUMBERTO LAMEIRAS HUMBERTO LAMEIRAS E A COMUNICAÇÃO REGIONAL

HELGA NOBRE NÃO É NOBRE TER UM FUTURO INCERTO	54
GUALTER RIBEIRO O FUTURO NÃO SE ANTEVÊ RISONHO	56
FRANCISCO ALVES RITO PAIXÃO, DEDICAÇÃO E CURIOSIDADE DE FRANCISCO ALVES RITO	58
FLÁVIO ANDRADE EM FOCO COM FLÁVIO ANDRADE	60
FERNANDO FITAS FERNANDO SEM FITAS	62
FÁTIMA BRINCA VIDA SONHADA, VIDA VIVIDA	64
ETELVINA BAÍA 1962-2017	66
DAVID PEREIRA ESCRITAMENTE APAIXONADO	68
CRISTINA PATACAS É MAIS AQUILO QUE NOS UNE DO QUE NOS SEPARA	70
CLÁUDIO ANAIA UM CATÓLICO AO SERVIÇO DO BEM COMUM	72
CLÁUDIA ALDEGALEGA JORNALISMO ALIADO COM MACHISMO... É TERRORISMO!	74
CATARINA RODRIGUES A NOVA ERA DIGITAL AOS OLHOS DE CATARINA RODRIGUES	76
CAROLINA BICO SABEMOS COMO ENTRAMOS MAS NUNCA COMO SAÍMOS	80
CARMELO GARITAONAINDIA O BENEFÍCIO ECONÓMICO NO JORNALISMO	82
CARLA CASTELO TER UMA VISÃO REGIONAL NAS QUESTÕES NACIONAIS	84
ANTÓNIO SOUSA PEREIRA UM ROSTO DA COMUNIDADE BARREIRENSE	86
ANSELMO CRESPO CRESPO PERANTE O AMADORISMO	88
ANDRÉ PENIM ENTRE VIAGENS E O ENTRETENIMENTO	90
ANA MARIA SANTOS UMA JORNALISTA QUASE DECORADORA	92
ADELAIDE COELHO O QUE PERDUROU NA MEMÓRIA DE ADELAIDE COELHO?	94

SUMÁ-

SOBRE NÓS



ANA TOMÉ



BEATRIZ FERNANDES



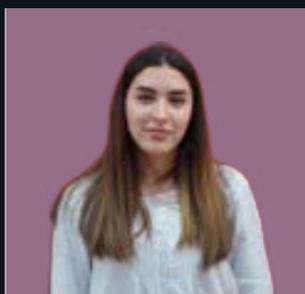
CAROLINA LUZ



DAVID SIMÕES



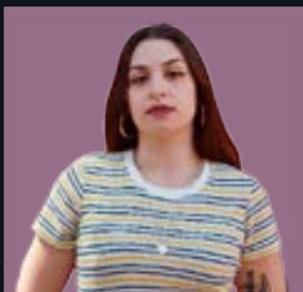
ESTEFÂNIA DA COSTA



FILIPA MARTINS



JOANA SENA



MARIANA GOMES



MELÍCIA FRANCISCO



NADINE CONTADOR



PEDRO BEZANILLA



TIAGO JESUS

FICHA TÉCNICA

DIRETOR
RICARDO NUNES

CHEFES DE REDAÇÃO
CAROLINA LUZ
FILIPA MARTINS

DESIGN
MARIANA GOMES
PEDRO BEZANILLA
TIAGO JESUS

COPYDESK
BEATRIZ FERNANDES

REDAÇÃO
ANA CLÁUDIA NUNES
ANA TOMÉ
BEATRIZ FERNANDES
CAROLINA LUZ
DAVID SIMÕES
ESTEFÂNIA DA COSTA
FILIPA MARTINS
GONÇALO MARINHEIRO
JOANA SENA
MARIANA GOMES
MELÍCIA FRANCISCO
NADINE CONTADOR
PEDRO BEZANILLA
TIAGO JESUS

SECRETARIADO
ANA TOMÉ
DAVID SIMÕES

IMPRESSÃO
TIPOGRAFIA X

TIRAGEM
15 EXEMPLARES

PERIODICIDADE
TRIMESTRAL

CONTACTO
PERFILOCAL.REDACAO@GMAIL.COM

EDITORIAL

Perfil Local apresenta-se como um novo projeto editorial, original e inédito. Localizamo-nos no distrito de Setúbal e procurámos nomear 40 protagonistas de renome na área da comunicação e que, de alguma forma, estão relacionadas com o distrito. Esta publicação remete ainda para o 40º aniversário do Instituto Politécnico de Setúbal assim como para os 25 anos do curso de Comunicação Social. Desconstruímos o estilo clássico e arrumado e substituímo-lo por um que nos defina enquanto equipa e, por isso, a revista não está organizada de A a Z, mas sim de Z ao A – porque não há nada de errado em fazer as coisas de outra forma. Acreditamos que a colaboração é uma parte essencial para o sucesso de qualquer iniciativa, por isso estabelecemos a nossa missão e visão desde muito cedo, pretendendo que esta revista seja agradável pelo seu conteúdo e pela sua forma – uma combinação de sucesso. Contamos com testemunhos de vários protagonistas e consideramos este projeto não só um trabalho de recolha e organização de histórias, mas também de aprendizagens, com experiências com as quais pudemos contactar. A nossa contracapa traduz uma homenagem a todos os envolvidos. Por escolha da redação, as cores associadas possuem um significado implícito. Descubra porquê.

CHEFES DE REDAÇÃO
CAROLINA LUZ E FILIPA MARTINS

Zélia Bordalo

Diretora de Programas na Rádio Cidade Nova,
em Santo André

Um maço de cigarros por uma vida

MELÍCIA FRANCISCO E NADINE CONTADOR

“Muitas famílias eram convidadas a descer dos carros e eram mortas simplesmente ali.” Foi numa viagem de 3 meses com destino a África do Sul que a família de Zélia Bordalo abandonava Angola para fugir à guerra que eclodiu no país em 1975. Ao contrário da maioria dos portugueses presentes na ex-colónia - que escapuliram num avião só de ida para Portugal -, a família Bordalo seguiu a sua viagem memorável com toda a vida embalada no fundo de uma caravana. Bordalo pôde sobreviver para contar a sua história graças a um maço de cigarros que o seu pai usou para subornar o militar, convencendo-o de que a vida das pessoas presentes na caravana tinha valor, não sendo necessário executá-las - tal como tinha acontecido a algumas famílias que haviam feito o mesmo percurso. A família ainda enfrentou mais infortúnios. Conta a experiência de ter vivido em diferentes campos de concentração e depender da generosidade dos sul-africanos para sobreviver: “Os sul-africanos que nos iam ajudar não tinham permissão para entrar nos campos, por isso atiram os alimentos e todos esses artigos que nos furtavam através das redes e nós apanhávamos”. Após a acomodação num novo ambiente familiar na África do Sul e, apesar do acolhimento caloroso, a adaptação não foi fácil. Numa época em que o racismo do Apartheid era ostensivo e as diferenças culturais eram tangíveis, a única solução da família foi mudar de rumo e refazer a vida em Portugal. A experiência que para muitos poderia ter sido

traumática e dolorosa, para Bordalo foi enriquecedora e formou o seu carácter e capacidade de resiliência. Um episódio caricato que agora recorda com gargalhadas mas que, na época, causou aflição, ocorreu na rádio de Santo André. Bordalo e os seus colegas interpretaram cenas da popular novela brasileira Rock Santeiro: “Encarnávamos as diversas personagens e estávamos todos aqui a pensar que não tínhamos os micro ligados.” Sem se aperceberem que estavam em direto, interromperam a transmissão de um programa pedagógico. O incidente foi um enorme escândalo à época, pois continha conteúdos impróprios e violava as regras da estação radiofónica. Este causou a suspensão de todos os elementos mas serviu de lição para Bordalo. Uma aprendizagem que levaria para o resto da sua vida profissional, no que diz respeito ao sentido de responsabilidade no local de trabalho. A jornalista reforça que a sociedade em geral não valoriza o trabalho realizado pelos media: “Eu penso que muita gente ainda encara estas profissões, tanto a nível de televisão ou de rádio, como profissões que não são profissões”. No entanto, foi durante uma visita a um lar de 3ª idade que Bordalo se apercebeu do impacto e relevância que o seu trabalho tem. Os seus ouvintes, nomeadamente idosos, apreciavam ouvir a sua voz e os conteúdos que transmitia, pois era das poucas companhias que ainda tinham. Esse momento marcou a vida de Bordalo como jornalista: “Éramos realmente importantes com o nosso trabalho e fazíamos a diferença na vida das pessoas.”



“Atendimento permanente” com Vanessa Gil

As experiências da jornalista na área da saúde

CAROLINA LUZ E JOANA SENA

No canal S+, através do programa Atendimento Permanente, Vanessa Gil acompanha o dia de um profissional de saúde, relatando diferentes histórias. Este tipo de trabalho permite à entrevistada cobrir vários acontecimentos na área da saúde. Uma das experiências mais emocionantes foi quando a jornalista assistiu a um parto natural e a uma cesariana para retratar um dia de um obstetra. Teve uma posição privilegiada no parto natural em que confessa que “o pai da criança tinha de olhar para mim para perceber se estava de facto a correr tudo bem, estava muito nervoso. Foi um momento lindo e único”. Desde jovem que tem aptidão para comunicar e, por esse motivo, candidatou-se ao Instituto Politécnico de Setúbal. Vanessa Gil, jornalista do canal S+ e residente no Barreiro, conta com um percurso curto, mas com uma formação diversificada, revelando uma atitude ativa perante os desafios profissionais. Exemplo disso foi quando no seu estágio na SetúbalTV, presenciou pela janela da redação um pequeno incêndio num prédio próximo. Apesar de no momento estar sozinha, deslocou-se ao local com uma câmara, um tripé e um microfone e cobriu o acontecimento. A jornalista afirma ter adquirido muitas aprendizagens durante o seu percurso no SetúbalTV, especialmente por ser um órgão regional e de pequena dimensão, o que lhe permitiu errar e aprender com os obstáculos. Mais tarde, foi chefe de redação, mas passado algum tempo sentiu a necessidade de mudar: “Já não tinha mais nada para dar e queria arriscar” e, por esse motivo,

optou por sair, ficando desempregada. Nesse período de tempo, a jornalista procurou apostar na sua formação no CENJOR, onde frequentou três cursos: “Foram uma mais valia, contribuíram para a diferenciação do meu currículo.” Um de ateliê de televisão (de longa duração e com apoio financeiro), outro sobre Google Analytics e, o último, de CEO para jornalistas. Continuando sem trabalho na área, enviou o seu currículo para uma companhia aérea, com o objetivo de ser hospedeira de bordo. Porém, recebe uma proposta para escrever notícias sobre aviões na NewsAvia. Por a empresa não ter capacidade para contratações, Vanessa Gil procura novamente emprego e acaba a trabalhar para uma agência de representação de laboratórios farmacêuticos, onde criava eventos e reservava refeições. Através de um amigo que ia para o Turquestão como freelancer, a jornalista toma conhecimento da empresa espanhola MediaLuso. Envia o seu currículo e obtém resposta: “Estava eu no meu contrato de 6 meses, quando um dia recebo uma mensagem da MediaLuso com a proposta de uma entrevista”. Coincidência ou não, a entrevista era também na área da saúde, para um novo canal de televisão chamado S+. Realizadas duas entrevistas, foi selecionada para repórter. Vanessa Gil afirma que o trabalho acaba por limitar a sua vida pessoal, chegando mesmo a ter quatro reportagens por dia: “Se quisesse agora ser mãe teria de repensar muitas coisas.” A entrevistada revela que teve de aprender a gerir o seu tempo e as escolhas, ansiando sempre por novos desafios. 



“

Sempre achei
que o
jornalismo
fosse a minha
maior paixão,
até ter os meus
filhos

Em direto com Sofia Garcia

BEATRIZ FERNANDES E FILIPA MARTINS

“**S**empre achei que o jornalismo fosse a minha maior paixão, até ter os meus filhos”, revela Sofia Garcia, afirmando que desde os seus 12 anos queria ser jornalista. Apesar da televisão só ter entrado na sua vida anos mais tarde, é no pequeno ecrã que se sente confortável e entusiasmada em ir mais além. Ao crescer num contexto pobre e humilde, Garcia tornou-se a primeira mulher da sua família a frequentar o ensino superior. Nostálgica, lembra os tempos em que escrevia versos de poesia no seu diário, e a série “Jornalistas”, em que João Didelet interpretava José António Caixinha, motivando-a a seguir a profissão. E assim aconteceu: estagiou no jornal digital Setúbal na Rede, no jornal Semmais e no semanário Sol, antes de integrar a TV Record – projeto que gostou muito, apesar de ter saído por vontade própria: “Não tínhamos nenhum sénior lá, portanto sentes que não evoluis porque precisas de alguém que te ensine”. A licenciatura realizada em Comunicação Social no Instituto Politécnico de Setúbal deu-lhe a oportunidade de construir um longo currículo profissional, que enviou por diversas vezes para a CMTV: “Insisti e cheguei a dizer: “Eu vou vencê-los pelo cansaço”. Hoje, é jornalista a tempo inteiro, sem um horário de trabalho definido, mas

feliz a fazer transmissões em direto de assuntos que adora cobrir, como é o caso da área da investigação. Ainda que atualmente se encontre satisfeita, conta que, inicialmente, enfrentou uma desilusão: “Quando recebi resposta da CMTV, disseram-me que me queriam, mas como correspondente em Setúbal. Fiquei desfeita, pois achava que ia para Lisboa.” Ainda assim, fez questão de reiterar a sua intenção em integrar a redação da capital, ao qual o diretor executivo lhe respondeu: “Mas eu não sei o que é que tu vales”. Hoje, Sofia Garcia compreende a posição e admite que não se arrepende uma vez que em Setúbal tem a capacidade de “contar histórias, explorá-las e acompanhá-las de outra forma”. Nota que a CMTV a ajudou a crescer enquanto profissional, particularmente no processo de conquista de confiança, pois “não vale a pena ficares presa a um erro porque tens de dar a volta por cima.” A sociedade reconhece a CMTV pelas suas características sensacionalistas e Sofia Garcia nota que “muitas vezes, os conteúdos são recebidos com desconfiança” e que “algumas pessoas podem ter algum pudor em dizer publicamente que assistem”. Este é um estigma que, segundo Garcia, tem de ser combatido e que se justifica pelas imprecisões que são cometidas, em comparação a outros órgãos de comunicação, e pelo facto das “pessoas caírem em cima” sempre que tal acontece. Acrescenta que os restantes media se começaram a aperceber de que o conteúdo transmitido pela CMTV é vendável e, por isso, hoje em dia, noticiam os mesmos factos. Por fim, Sofia Garcia assume também a grande responsabilidade da comunicação social: “É um regulador da sociedade e da justiça e, por esse motivo, as coisas têm de ser faladas.” Se isso não acontecer, “os casos são abafados e nada se resolve.”

Regina Marques: a primeira coordenadora do curso de comunicação social

Foi há 25 anos atrás que o curso teve a sua primeira coordenadora: Regina Marques, sendo a principal fundadora do curso, focou-se numa vertente tanto prática como teórica para o curso de Comunicação Social que até hoje abarcou vários alunos. A longa carreira profissional da Doutora Regina está repleta de desafios e obstáculos, mas também de conquistas que consagraram a implementação e consequentemente o sucesso do curso até hoje.

A Professora Regina foi uma das primeiras profissionais a fazer parte do corpo docente do curso de Comunicação Social, a fundadora. Como foi pensado o plano de estudos?

O plano de estudos foi pensado tendo em conta que era um curso virado para a profissão, tinha uma grande parte daquilo que era obrigatório, uma parte de cadeiras teóricas e de cadeiras práticas - as oficinas, os ateliês. Quando foi aberto, o curso tinha era um bacharelato porque a ESE e o Politécnico na altura só podiam fazer bacharelatos. Esse bacharelato não satisfazia os alunos e não satisfazia os professores porque sentíamos que a formação era precária e começamos a trabalhar no sentido de criar legislação que permitisse fazer uma licenciatura, chamada na altura licenciatura bietápica. Aí nós construímos a possibilidade dos alunos fazerem uma opção para o marketing e para as relações públicas, porque olhávamos um pouco para as possibilidades de emprego que se ofereciam já então para os estudantes de Comunicação Social. Uma das características desta licenciatura é que todos os anos tinham estágio com diferentes possibilidades. Tenho a certeza que havia aprendizagens muito interessantes e que a própria mudança do que um profissional de Comunicação Social pode fazer, certamente se ia construindo através desses estágios. Quando vem Bolonha, obviamente que a escola teve que se adaptar a essa legislação e, portanto reduziu tudo, reduziu a carga horária, adaptou a carga horária a essas contingências de uma legislação que era igual a todos. De facto não acompanho o seguimento desta fase, contudo

percebo que teve muitas restrições em relação àquilo que foi originalmente pensado. O estágio também facilitou o contacto com empresas, sendo que muitos alunos ficaram bem colocados em empresas e foram progredindo e hoje são profissionais.

No final dos anos 90, a Escola Superior de Educação só oferecia cursos na área da educação como educadora de infância, sendo que curso de CS foi o primeiro numa esfera diferente, a da comunicação. Qual foi a reação dos seus colegas de trabalho perante essa mudança?

A reação nem sempre foi a mais acolhedora. Havia até uma nota da direção da escola, de que era necessário abrir para outras áreas tendo em conta que até no domínio dos professores já havia lacunas grandes, dificuldades de inserção. Havia a noção de que era necessário. E eu fui trabalhando com a direção, inserindo também alguns colegas no curso. Eu penso que no início foi sempre dito que a ESE era uma escola de educação e nunca foi assumido que era uma escola de comunicação também. Dizia-se muitas vezes que a Comunicação também é a Educação, e eu achava que não é. Há aspetos de educação, com certeza, mas também há outros aspetos que fazem com que o curso seja de facto diferente. Houve ali momentos e pessoas, às vezes individualidades que não gostavam tanto, mas eu acho que se foi superando, sobretudo até a prática veio provar que o curso se instalou, foi útil para a escola e houve sempre muitos alunos. Os alunos que vieram para a ESE tinham boas classificações, portanto era uma escola procurada. E acho que isso foi fazendo com que eles aceitassem mais o curso e hoje está completamente aceite.

“O ensino devia ser em alternância”

Quais foram os obstáculos e constrangimentos que enfrentou na fase inicial deste projeto?

Os constrangimentos eram não termos ali um corpo docente fixo que não pensasse o curso como um todo, porque tínhamos muitos colaboradores e muitos professores que só iam fazer os estágios ou só aos ateliês ou só fazer uma disciplina ou outra. E portanto não tínhamos ali sempre um corpo docente disponível para poder pensar as coisas. O outro obstáculo era a questão física, não termos alguns equipamentos, um espaço físico onde os alunos pudessem experimentar muitos aspetos. Mas foram sendo superados.

Qual foi o enquadramento e o fio de prumo dado ao curso no seu processo inicial?

O enquadramento era a legislação. A legislação previa que se fizesse o bacharelato e depois aceitou que se fizesse a licenciatura via bietápica - porque houve trabalho para isso -, e portanto isto é determinante. Depois houve outra questão - a nossa opção foi promover um ensino em alternância entre a escola e o mundo do trabalho. E depois, dentro do curso, criar espaço de práticas mais específicas, onde podiam fazer o contato com equipamentos, com técnicas - tivemos de, por exemplo, criar um ateliê de rádio com todo o equipamento. Claro que tínhamos que ter o professor adequado, todas estas coisas condicionantes mas que foram sendo limadas. Mas essa linha de prumo de termos trabalho concreto, experimental, ligado ao mundo de trabalho e à escola era uma questão central.

O cargo de coordenação de curso já foi ocupado por outros docentes. Acredita que estes tiveram a capacidade de

O QUE É PRECISO É QUE AS MULHERES TENHAM EM CONTA ESTAS REALIDADES E QUE TAMBÉM LUTEM CONTRA ISSO.

transmitir os mesmos valores de curso que a Doutora Regina?

Eu acho que sim, naturalmente com as condicionantes técnicas e administrativas que cada momento impõe. Se lá estivesse, provavelmente já não era a mesma pessoa, não faria o mesmo que fiz em 94, e naturalmente que as coisas se vão adaptando. Porque não só os professores determinam as regras, muitas vezes vêm até determinadas do ministério, do IPS. Regras condicionantes de termos professores, não termos o que queremos, das limitações físicas que já falei. Nas escolas de gestão, há equipamentos que podem ser

usados por nós, nas escolas de engenharia há equipamentos que podem ser usados, portanto essa articulação - que é também uma coisa mais recente - penso que tem sido aproveitada pelos colegas, têm conseguido dar corpo às novas realidades.

O seu perfil de Facebook demonstra que os direitos e a emancipação das mulheres é uma luta apaixonante para si. Acredita que as mulheres enfrentam mais dificuldades do que os homens, tanto no meio académico como profissional?

Não tenho dúvidas. Mas também é essencial valorizar aquelas que são capazes, e estimular aquelas que ainda não são capazes, para perceberem o que é que obsta na sua própria integração “nestas coisas”. Há muitas dificuldades que as mulheres sentem, pela sua condição de vida, pelas mentalidades, também pelo tipo de trabalho que lhes oferecem. As condições de maternidade dificulta que elas possam ter tempo disponível a toda a hora, hoje os empregos estão também sem regras de horários e, muitas vezes, as mulheres também têm de fazer opções. As mulheres e os homens, os casais no fundo, mas enfim, muitas vezes são elas que ficam para trás porque “têm que ir buscar o filho à escola” e não podem estar completamente disponíveis para empresas que hoje em dia ultrapassam todas as regras de bom senso relativamente a ritmos de trabalho. O que é preciso é que as mulheres tenham em conta estas realidades e que também lutem contra isso. O direito à maternidade é um direito, o direito de aceder a trabalhar é um direito e, portanto, não deixar-se atropelar. As mulheres já provaram que são muito capazes, que têm muitas competências e que são tenazes

nas suas opções. Existem algumas que se encolhem um bocado e aceitam a sua realidade e é isso que “nós” - mulheres conscientes disso - temos que incentivá-las a ultrapassar e mostrar que merecemos ser respeitadas como são - mulheres com direitos.

Atualmente o curso de CS já não integra algumas unidades curriculares do formato inicial do curso, como as Oficinas. Atualmente as cadeiras são semestrais e mais teóricas. De acordo com a sua opinião, qual é o melhor formato?

Penso que uma das características do ensino politécnico deve ser o superior profissionalizante, ou seja, há que encontrar cadeiras teóricas ligadas à prática, à vida, ao tecido cultural, social, profissional. Mas isso depende da arte do engenheiro e das possibilidades concretas.

O que sente depois de décadas como coordenadora, olhar para os seus ex-alunos que trabalham em empresas, autarquias e órgão de comunicação social? Qual é o sentimento?

Ai, fico tão contente, orgulhosa, vaidosa! Acho que afinal valeu a pena alguns sacrifícios que nós fizemos, justifica trambolhões que demos, obstáculos que vencemos. Fico satisfeita ao perceber que para além dos alunos que o Politécnico forma, é perceber que o curso de comunicação

social tem sucesso. É agradável, reconfortante, porque afinal percebemos que fizemos qualquer coisa que se mantém. Podia ter acabado o curso, com as limitações (não ter alunos, por exemplo, como já aconteceu com outros cursos da ESE) e este não... é bom para o IPS e para a ESE e, no fundo, para todos nós. Os professores sentem orgulho, eu por exemplo vejo que hoje já há grandes profissionais da área da comunicação bem consolidados no mundo do trabalho que foram alunos.

Acredita que continua a fazer sentido a existência do curso de Comunicação Social? Porquê?

Eu acho que sim. O curso de Comunicação Social teve que se adaptar às necessidades do tecido cultural, social, e nós vemos que hoje a comunicação é uma coisa que está presente a nível pessoal, e não há ninguém que não procure informação, diálogos com outros. Eu vejo que o curso de comunicação tem projeção, claro que se formos para os jornais em papel sabemos as suas dificuldades, mas continua a haver jornalista no online, na televisão, na rádio, e mais... jornalistas responsáveis por empresas, autarquias a fazerem produtos jornalísticos, e isso é extremamente importante. Eu penso que o importante é deixar para os estudantes e para os jornalistas a ideia de que o que importa é a qualidade, ou seja,

é saber escrever, é também contornar as questões que hoje preocupa as pessoas, serem investigativos, e não se limitarem à superficialidade das coisas.

Ao longo da sua carreira profissional e durante o trabalho feito pelo curso de Comunicação Social ocorreu algum episódio marcante que se recorde?

Os contactos muito ricos com profissionais de outras áreas. Lembro-me dos profissionais que vinham do Diário de Notícias, do Expresso, que vinham fazer seminários e oficinas com os alunos e que traziam sempre uma abordagem diferente, nova, porque muitas vezes nós - professores- estamos deslocados das práticas profissionais, como numa agência de comunicação como a agência Lusa e, quando essas pessoas vinham, eram coisas muito fortes e marcantes. Termos um patamar é importante, não é preciso sermos excelentes, mas temos que ser bons naquilo que fazemos. O facto de ser um bacharelato ou uma licenciatura não implica uma desvalorização ou menos qualidade intelectual, há que existir uma evolução e atualização do que há de novo nas coisas, os diferentes autores significativos. O conhecimento pode não ser em profundidade mas pelo menos já ouviram falar e levam a semente. Isso é importante e é uma das razões pela qual o curso vingou até hoje. ♡

**AMANHÃ, VAIS DESEJAR TER
COMEÇADO HOJE!**

Começa agora com o que tens. Nós ajudamos com o resto.



Tel.: (+351) 265 790 251
Email: ipstartup@ips.pt
www.ipstartup.ips.pt

Raquel Gradim

A desilusão do jornalismo e o fascínio pelo marketing

BEATRIZ FERNANDES E FILIPA MARTINS

O espetáculo abre e tens de fazer a magia acontecer.” Imersa na área da comunicação empresarial há quase uma década, Raquel Gradim viu a vida trocar-lhe as voltas no que diz respeito ao jornalismo. Assumindo atualmente o cargo de chefe de marketing na empresa PACSIS, Gradim já integrou quatro projetos diferentes: First Five Consulting, BBVA Comunicação e Marca, UAU Produtora e Digidelta Solutions PT. Nos primeiros anos de carreira, o ritmo era alucinante e o cansaço inevitável. Ainda assim, confessa: “Fazes tudo o que houver para fazer, nem que seja ir colocar um blazer para ir receber as pessoas. Mas tem de acontecer.” Natural da Baixa da Banheira, no Barreiro, Raquel Gradim faz parte de uma família ligada à contabilidade e à restauração. Através da sua irmã mais velha, confessa ter alterado o seu percurso de vida, uma vez que aprendeu o que não devia fazer: acabar o 12º ano e não prosseguir com os estudos. Assim, em 2006, o Instituto Politécnico de Setúbal tornou-se a sua casa. Com o objetivo de ser jornalista de guerra, Gradim ingressou em Comunicação Social. Após o término da licenciatura, foi estagiar para o Expresso, um jornal possuidor de valências significativas, capaz de fazer ferver a paixão pelo jornalismo e “continuar a seguir aquilo com que sempre tinha sonhado.” Contou que Pedro Batista, que a acolheu no início do seu estágio, lhe deu um dos conselhos que viria a fazer diferença na sua vida: “Se tiverem um problema, arranjem logo uma solução.” No entanto, mal sabia Raquel Gradim que o seu sonho acabaria ali... O desencanto começou quando se apercebeu que “não há investimento no jornalismo, as redações são cada vez mais curtas e o jornalista tem de fazer tudo... no final, ainda és mal paga por isso.” Para além disso, nota que “os nossos media estão preocupados com sensacio-

“
Não há investimento no jornalismo, as redações são cada vez mais curtas e o jornalista tem de fazer tudo, no final ainda és mal paga por isso.”

nalismo”, perdendo, muitas vezes, notícias relevantes – o que diminui a qualidade do jornalismo. Desiludida com o panorama da comunicação social, Raquel Gradim encontrou na agência de comunicação First Five Consulting o seu primeiro emprego na área do marketing. A partir daí, a sua vida nunca mais parou: mudou-se para a Digidelta, onde “estava entregue aos leões, sozinha, com um gabinete de comunicação e marketing às costas”. Atualmente, a PACSIS é o seu “amor” e não pretende sair. Para Gradim, um profissional de marketing deve, necessariamente, compreender o produto, o mercado, a estratégia, e deve estar atento às novas gerações para perceber o caminho que o mercado vai seguir. “Cada vez mais as novas gerações influenciam as mais velhas.” Desde pequena, Gradim quis visitar Bali e tornou-se assim numa apaixonada por viagens “de mochila às costas”, partilhando as experiências no seu blog “AKell Blog”. Aposta sobretudo em conhecer novos locais e pessoas, considerando-se desde sempre uma pessoa bastante sociável. É também esta a razão que a motiva no seu trabalho diário: “Gosto de desafios e que me metam também alguns entraves para conseguir resolvê-los”.

PACSIS





De Setúbal a Timor, em busca da tranquilidade

ESTEFÂNIA DA COSTA E PEDRO BEZANILLA

O que levou
Pedro Brinca a procurar
novos desafios?

“

A teoria é a base de tudo, se a pessoa que vai trabalhar não domina bem os conceitos, é um problema.

Deixou Portugal para trabalhar como coordenador do Projeto de Apoio à Comunicação, e agente de Cooperação Portuguesa na RTTL, EP - Rádio e Televisão de Timor Leste. Atualmente, Pedro Brinca é formador no Curso de Comunicação e Mídia de Serviço Público em Dili, Timor Leste. Depois de terminar o seu contrato com a RTTL, decidiu permanecer em Timor, não só para trabalhar, mas também a nível pessoal. No entanto, com a crise político-económica instalada há dois anos no país, Pedro Brinca tem pensado na possibilidade de voltar a Portugal, mesmo contra a sua vontade. Com apenas 16 anos, viu a oportunidade de colaborar numa rádio pirata - Rádio Azul. Não possuía experiência, nem formação, mas tinha curiosidade e vontade em dar voz aos acontecimentos da ditadura em Setúbal. Pedro Brinca conta que soube que a rádio ia para o ar, ligou, descobriu onde era e pegou na sua bicicleta. Chegado à sede, disse que queria trabalhar e, no dia seguinte, o lugar era seu. “A teoria é a base de tudo, se a pessoa que vai trabalhar não domina bem os conceitos, é um problema”. Esta é uma das principais aprendizagens que Pedro Brinca obteve devido à sua experiência particular. Conta ter começado a lecionar numa instituição de ensino superior, sem formação académica - daí valorizar a formação e a componente teórica. “A experiência de dar aulas acabou por ser responsável por uma coisa muito importante da minha vida: Eu dava aulas a alunos do 4º e 5º ano, que tinham um título académico de bacharelato que eu não tinha. Eu tinha apenas o 12º ano. Então, apercebi-me que era uma vergonha e fui fazer a minha licenciatura”. Brinca é o fundador do primeiro jornal digital do país - Setúbal na Rede -, que contava os factos da região e do distrito. Este foi um projeto que marcou e continua a marcar o jornalismo nacional, tendo sido o primeiro órgão digital a registar-se no Instituto de Comunicação Social. Alguns dos seus feitos na Rádio Azul, TSF e Setúbal na Rede valeram-lhe alguns prémios, como o Prémio Gazeta de Imprensa Regional com a publicação digital “Setúbal na Rede”, em 1999, Prémio Fernão Mendes Pinto do Instituto Português do Oriente, com o trabalho “Histórias de Portugal em Macau”, Medalha dos Direitos Humanos, atribuída pela Assembleia da República, no colectivo TSF Rádio Jornal, com a emissão especial sobre os conflitos em Timor-Leste, em 1999. O jornalista confessa ter-se desligado completamente de Setúbal por duas razões: “a distância, porque temos uma diferença de 9 horas. Deixei Portugal para viver aqui e não para ganhar dinheiro, então não faz sentido continuar ligado às pessoas e às notícias daí. A segunda razão - acho que nunca disse a ninguém - foi por mágoa”. De quê? “De nunca ter sido reconhecido no concelho e no distrito, quando era reconhecido por quem estava fora. Vi o reconhecimento de todo lado menos de Setúbal”.

Pontapé de saída para o sucesso

Paulo Sérgio, entre a televisão e a rádio

BEATRIZ FERNANDES E FILIPA MARTINS

“Algun talento havia de ter.” Foi no verão de 1985 que Paulo Sérgio se aventurou a entrar na Feira de Santiago, em Setúbal – cidade onde sempre viveu – e confessar a sua paixão e determinação em fazer rádio. “Ai queres? Então amanhã, às seis da manhã, apareces na Quinta Tomé Dias [sede da Rádio Azul]”, desafiou Jorge Simões, prestigiado jornalista da RTP 1 e “pai” da Rádio Azul. No dia seguinte, à hora e local combinados, Paulo Sérgio daria o pontapé de saída naquele que seria o seu futuro até hoje. Tendo ingressado no curso de Direito - não pelo gosto na advocacia, mas pela escassez de cursos de comunicação -, Sérgio sempre teve a intenção de ser jornalista. Amante de cinema, literatura, música – clássica, *heavy metal*, *hip-hop* – e viagens, Sérgio é também um apaixonado pelo futebol. Foi precisamente esta a razão pela qual, em 1988, deu o salto para a TSF, “uma escola absolutamente fantástica e um mar de oportunidades”: “Eles precisavam de um miúdo que fizesse relatos de futebol. E eu fazia-os na Rádio Azul. Eles ouviram e chamaram-me.” Em 1998, assumiu o cargo de editor executivo da Sport TV, considerado um desafio coletivo e individual – coletivo porque nunca havia sido feito um canal de desporto em Portugal, e individual porque se especializou na área do desporto, deixando de ser uma espécie de “clínico geral.” Apesar de se ter apercebido da “dimensão da força do futebol em Portugal”, Sérgio confessa que também se saturou da sua rotina. Desde 2005, a RTP é a sua casa. Descreveu

“ Queres violinos, vai ao São Carlos .”

a mudança para a emissora como passar “do Paços de Ferreira para o Benfica”, considerando que, a nível estrutural e de conteúdo, a estação de serviço público - que sempre acreditou ser um dos melhores sítios para se trabalhar - é muito completa. Além de ter desempenhado funções na Sport TV e na RTP, trabalhou também na Semba Comunicação, em Angola. Descreveu a experiência como interessante, apenas dificultada pela falta de rigor a que estava habituado. “A primeira conquista que fizemos lá foi o telejornal começar a passar às 20h”, facto que ainda se mantém. Apesar de, atualmente, desempenhar o papel de diretor-adjunto na RTP, Sérgio assegurou por diversas vezes que a sua paixão é ser jornalista. No entanto, afirma-se preocupado com a quantidade de desinformação e credibilidade que afetam os media atualmente, referindo que não tem nenhuma solução para resolver o problema. Por agora, trabalha com satisfação apesar do cansaço diário que diz sentir, e relembra momentos alegres que viveu: enquanto fazia uma transmissão televisiva com o jornalista Carlos Manuel, deram por si a gozar com um colete de napa que Jorge Jesus (na altura, treinador do Estrela da Amadora) vestia. A brincadeira passou para a sala de imprensa, onde Sérgio voltou a brincar com o treinador, tendo Jesus respondido com uma das suas muitas frases icónicas: “Queres violinos, vai ao São Carlos”. Outras histórias – explica – não se podem divulgar, mas ainda hoje, quando se cruzam, perguntam pelos violinos.♥



“

Ai queres fazer rádio?
Então amanhã, às seis da
manhã, apareces na
Quinta Tomé Dias [sede da
Rádio Azul]



Miguel Peres, argumentista de banda desenhada, revela que a criação de um projeto dentro deste meio apresenta remunerações muito díspares para quem faz parte da equipa, uma vez que “se calhar 70% é atribuída a quem desenha e o resto vai para o argumentista. E isto só da percentagem de 10% que as editoras dão aos artistas.” É assim que Miguel Peres justifica a criação de uma editora que lhe permite, a si e ao seu cofundador, criar banda desenhada sem que passe pelas grandes editoras. Assim surge a Bicho Carpinteiro, que se move no mundo pequeno da 9ª arte em Portugal. Num contexto nacional da banda desenhada, na opinião de Miguel Peres, não é difícil existir por parte do público um reconhecimento pelos artistas, tendo em conta que se trata de um nicho onde “toda a gente se conhece”. Existe um gosto e uma familiarização, tendo a consciência que há ainda muito trabalho pela frente e que o crescimento ainda poderá atingir patamares de excelência nunca antes visto: “A banda desenhada portuguesa, no geral, é consumida e reconhecida de uma forma muito gratificante. Apesar da banda desenhada americana nunca ser esquecida e até em alguns projetos faz sentido que seja a língua inglesa a manifestar-se, sinto que a BD portuguesa está a caminhar a passos largos para um grande crescimento, fruto também de uma nova geração de criadores que surgirá a médio-longo prazo.” Diplomado em Comunicação Social pelo

Um nicho com futuro?

Miguel Peres entre o grafismo e o audiovisual

ANA TOMÉ E DAVID SIMÕES

Instituto Politécnico de Setúbal, Miguel Peres sempre rejeitou a ideia de enverdar pela área do jornalismo: “O meu percurso dentro da licenciatura esteve sempre direcionado para a área da imagem, das câmeras e do audiovisual.” Confessa que para além da banda desenhada, o cinema é a sua grande paixão. No entanto, gosta de manter respeito por quem efetivamente produz filmes: “Recentemente abracei um novo projeto na multiarte onde abordo as tendências e o desenrolar dos acontecimentos na área do cinema, mas a minha função é mais de pseudo crítico do que realizador.” Para além de todos estes projetos, Peres escreve crónicas para a Comunidade Cultura e Arte. Colabora ainda também com a EDP, na função de gestor de conteúdos de comunicação interna, onde por vezes consegue relacionar o papel de argumentista com esta área, nomeadamente a nível de campanhas e vídeos institucionais: “O facto de elaborar guiões para a banda desenhada estabelece que esperem de mim um comportamento mais criativo dentro da empresa e no desempenhar das minhas funções. Ainda há pouco tempo elaborei um vídeo institucional onde roçou o trabalho que faço na BD”. Quanto ao futuro da comunicação social, e tendo em vista as novas plataformas de difusão, Peres considera que poderá haver uma evolução: “Hoje em dia, os documentários são muito interessantes. E acho que o jornalismo pode pegar por aí e fazer coisas novas”.

Miguel Azevedo

Existem super-heróis na comunicação?

BEATRIZ FERNANDES E FILIPA MARTINS

“Naquele momento, fiquei a olhar para o Presidente da República e a pensar: “O que é que eu vou responder agora?”. Foi no contexto de um dos seus primeiros trabalhos para o Diário do Distrito que Miguel Azevedo deu por si, pela primeira vez na vida, sem reação. Marcelo Rebelo de Sousa havia sido eleito Presidente há relativamente pouco tempo quando, numa visita ao Bairro da Bela Vista, o aprendiz Azevedo acompanhava o acontecimento no local, tentando observar “o que os outros jornalistas faziam”, de modo a fazer igual, para que não reparassem na sua inexperiência: “Chega o Presidente, no seu carro, com a comitiva e comunicação social atrás das câmeras. Cumprimenta toda a gente – com os beijinhos, as *selfies* – e, ao saudar os jornalistas, passa por mim, olha-me nos olhos e diz: “Bigode e barba, assim pequeninos... Eu quando era miúdo também tinha uma coisa assim. Isso é porreiro.” E, saiu-me qualquer coisa como: “Ah, pois... aposto que lhe ficava bem.” Natural de Sesimbra, Miguel Azevedo recorda a infância feliz vivida junto da “base familiar unida”, assim como dos amigos, com quem “jogava à bola, às escondidas e à apanhada”. Apesar do jornalismo não ter estado presente desde cedo na sua vida, foi “ganhando algum carinho” pela área, que escolheu estudar e exercer. Apesar de já ter integrado projetos profissionais anteriores e de menor dimensão, foi no Setubalense – durante 1 ano – e, atualmente, no jornal O Jogo que Miguel Azevedo encontrou as suas “duas verdadeiras

casas”. Destaca a ética profissional – seriedade e visão rigorosa –, assim como a consonância de valores partilhados dentro da redação como elementos essenciais no exercício do jornalismo: “Tenho a minha visão daquilo que deve ser o jornalismo”, tendo sido este olhar profissional que o fez encantar pela área. Enquanto atual colaborador d’O Jogo para o Vitória Futebol Clube, Azevedo ressalta a ausência de destaque em relação aos clubes portugueses considerados “mais pequenos”. Porém, salienta que este paradigma é “apenas” o espelho da sociedade e que, por isso “é normal que o reflexo se veja na comunicação social, que acaba por estar um pouco refém” – ainda que não seja aquilo que considera o correto. Ao recordar o estágio realizado no jornal A BOLA - no início da sua carreira -, afirma que se fosse hoje, tê-lo-ia aproveitado de outra forma, mas não esquece as vantagens e as oportunidades que acumulou: “Acho que o que ganhei mais foi a escrita”, assim como o facto de ter trabalhado “com pessoas que me deram algumas dicas”, que ainda hoje utiliza no seu trabalho. Nostálgico, comparou o jornalismo ao filme de super-heróis “Homem-Aranha”: “Lembro-me de ser miúdo e ver o Homem-Aranha, e a imagem que transmitia do jornalismo não era a melhor. Acho que já se começa a limpar um pouco essa ideia”. No entanto, ainda há lutas que a comunicação social precisa de enfrentar e Miguel Azevedo sente que está num bom caminho. ◊





Ponto de Encontro

com
Mário Sobral

MARIANA GOMES E TIAGO JESUS

“

O pior inimigo do jornalista é a redundância.

Defensor da velha máxima de que “o pior inimigo do jornalista é a redundância”, Mário Rui Sobral, de 47 anos, é jornalista no Diário da Região Setubalense na sede dos concelhos do Montijo e Alcochete. Numa tentativa de encontrar algo que se identificasse mais consigo - esquecendo os estudos de engenharia geológica -, surgiu lentamente o processo de descoberta do jornalismo: “Não me lembro quando foi, mas lembro-me do que aconteceu”. Sempre comentou futebol com amigos e, um deles, Fernando Pinto, colaborador da extinta rádio Eco, convidou-o para fazer comentários em jogos de futebol. Frisa que João Rosado, para além de ser umas das suas grandes referências na escrita jornalística desportiva, foi o principal responsável pelo facto de Mário Sobral ter iniciado um curso no CENJOR, onde conheceu uma das suas maiores inspirações, Daniel Ricardo. Recomenda ainda que “quem quer iniciar uma carreira jornalista, cria ADN de jornalista, e o carimbo fica lá para toda a vida”. Estagiou durante 2 meses no jornal O JOGO, contactando com grandes mestres, mas saiu a meio para assumir o jornal do Montijo, ainda que a porta tenha sempre ficado aberta. Regressou mais tarde por via de João Santos, onde acompanhou trabalhos sobre o Sporting e Benfica. Passou ainda pela Rádio Clube Português, a convite de Fernando Correia, para cobrir sempre a área desportiva. Define o seu atual trabalho no Diário da Região Setubalense como “uma paixão, um amor antigo”. Recorda e partilha uma história impressionante na sua passagem pelo antigo jornal do Montijo, numa época em que ainda existia o programa televisivo o Ponto de Encontro: “Recebemos uma carta de alguém de longe. Uma senhora que, depois de ter contactado esse tal programa, pretendia reencontrar-se com um irmão que não via há 25 anos, mas sabia que o mesmo poderia residir na zona do Montijo e/ou Alcochete. Publiquei uma peça sobre isso, mas mal sabia eu que esse mesmo irmão que a senhora procurava jogava snooker comigo num bar.” Mário Sobral considera que é necessário existir um olhar mais atento para os órgãos de comunicação regionais, principalmente por quem tem a responsabilidade de decisão e dar apoio aos seus governados: “A importância deste olhar de maior importância não servirá apenas para desenvolvimento de trabalhos com maior e melhor qualidade, mas também para as comunidades que pretendem conservar as suas histórias, as suas memórias, e manterem-se em contacto com a sua região, a sua terra”.

Luís Mestre

Os desafios e superações de um Mestre

ESTEFÂNIA DA COSTA E PEDRO BEZANILLA

Rádio, televisão, online e produção de vídeo são algumas das áreas em que Luís Mestre dedicou parte da sua vida. Aos 17 anos, começou a sua atividade enquanto jornalista e sempre procurou elevar os assuntos do distrito. Em 2009, começou o primeiro canal online da região, denominado Setúbal TV, que tinha como objetivo tratar dos acontecimentos do distrito. Infelizmente, por falta de recursos, Luís Mestre foi obrigado a pôr fim à sua iniciativa, uma vez que se viu endividado e sem lucros, tendo inclusive feito “corte de pessoal” por não ter como pagar aos funcionários. Foi desta forma que, em 2017, a televisão fechou as “portas”. Quando questionado se pensa regressar à televisão, Mestre afirma que sim, porém mudaria alguns dos aspetos que não resultaram na primeira vez. Considera, inclusive, que muitas vezes, as pessoas querem a cultura de “borla” e esquecem-se que os órgãos têm contas e funcionários para pagar. “Já houve situações em que me chamaram a dizer que tinha algum evento para cobrir e, quando eu cobrava um valor simbólico, as pessoas queriam que fosse de borla por julgarem que me estavam a ajudar a publicitar o canal por me terem chamado quando, na verdade, queriam promover os seus eventos.” Entre rádio e televisão, Luís Mestre prefere a rádio porque é feito em direto e porque tem em si o mistério de não se saber quem está a falar, a oportunidade das pessoas fantasiarem sobre quem ouvem: “(...) Em função da minha voz crias uma imagem, já em televisão

olhas para mim e já dizes: “esse gajo é feio”. Mestre lembra o exercício que fez no Dia Mundial da Voz no Instituto Politécnico de Setúbal, em que pediu aos presentes no auditório que identificassem a voz de acordo com algumas características que apresentou. A audiência ouvia a voz e, posteriormente, teria de adivinhar se se tratava de uma pessoa alta ou baixa, magra ou gorda, olhos escuros ou claros. No final, os presentes ficaram surpreendidos ao conhecerem os donos das vozes. Quando questionado se pensa em voltar para a rádio, Mestre confessa: “A rádio mudou alguns paradigmas em relação ao tempo. Hoje, [os locutores de rádio] tratam as pessoas por tu. Quando cheguei à rádio, disseram-me logo que eu não sabia quem estava a ouvir-me e, por isso, não podia dirigir-me de qualquer forma... Podia estar o Presidente da República do outro lado. Mas sim, gostava de trabalhar outra vez em rádio”. Sobre os media regionais, Luís Mestre afirma que os jornalistas locais não têm ido ao terreno e esperam que as notícias apareçam já feitas, fornecidas pelas Câmaras Municipais - facto que tem vindo a matar o jornalismo. Mestre aconselha a que, quem esteja a começar carreira no jornalismo o faça através do meio regional, pois permite que se erre para se poder melhorar. Pelo contrário, os meios nacionais têm mais competitividade e não são permitidos quaisquer erros. Atualmente, Luís Mestre comanda uma redação de produção de vídeos, que conta com três funcionários fixos e um estagiário.📍

“

A rádio mudou alguns paradigmas em relação ao tempo



Luis Lourenço

A ética acima do jornalismo de massas

ANA TOMÉ E DAVID SIMÕES

Foi por acreditar que o jornalismo perdeu a sua ética que Luís Lourenço decidiu terminar a sua carreira. A seu ver, a prática jornalística em Portugal passou a ser um negócio movido pelo dinheiro e pelo interesse: “As pessoas compram um produto como eu compro quando vou à mercearia.” Luís Lourenço pode ser descrito como um multi facetado na área da comunicação, tendo durante 17 anos exercido a profissão de jornalista ao serviço da TSF e da SIC. Contudo, apesar de várias experiências como repórter em mais de 80 países por cinco continentes, começou – de há dez anos para cá – a cansar-se da área jornalística,

muito também devido ao desgaste de tantas viagens: desde a realização de coberturas jornalísticas de guerras, acontecimentos desportivos - jogos olímpicos e mundiais -, a coberturas de eleições a nível nacional e internacional - que o próprio refere que o enriqueceram como ser humano. Pertenceu aos quadros do Vitória Futebol Clube, chegando mesmo a ser presidente do clube. Escreveu vários livros, incluindo um best-seller sobre José Mourinho, com quem tem vindo a trabalhar na área da liderança. Atualmente, leciona na Universidade Europeia, dando aulas de gestão. Além disso, é convidado para diversas conferências, vendo isso como sendo, de certa forma, um reconhecimento do seu trabalho, uma vez que “as pessoas querem ouvir o que tenho a dizer”. Confessa-se um felizado que tem agarrado as oportunidades que a vida lhe tem dado: “Sou uma pessoa normal e tenho tido a sorte de fazer muita coisa diferente ao longo da vida”. Durante o tempo em que viveu o mundo do futebol por dentro, fruto dos cargos diretivos que exerceu no Vitória, Luís Lourenço confessa um sentimento de injustiça relativamente aos clubes mais pequenos: “Existe uma discrepância muito grande para Benfica, Sporting e Porto. Estes beneficiam de direitos televisivos brutais em relação aos mais pequenos e, enquanto isso não for resolvido pelas entidades competentes, nunca poderemos almejar a um campeonato mais equilibrado e competitivo.” Critica também o tratamento que é dado pelos média aos clubes pequenos: “Num programa televisivo de 2 horas, não existe espaço para os mais desfavorecidos, o que interessa são as polémicas e as audiências. Quem tem o poder nos clubes maiores consegue comandar tudo e todos, veja-se o exemplo de Pinto da Costa que está há mais de 30 anos no FC Porto - é um estilo de Coreia do Norte.” Estas são situações que, aos olhos de Luís Lourenço, comprometem a veracidade dos meios de comunicação social portugueses, que constroem as suas agendas baseado no que vende e não no que deve ser a justiça e a verdade. Luís Lourenço mostra, deste modo, uma certa revolta para com aquilo que é o jornalismo em Portugal na atualidade, e sente que não será fácil melhorá-lo, uma vez que essa melhoria implica muitas mudanças externas na realidade do país e das diferentes áreas que o movem.

Luís Bonixe e a Rádio Local

Localismo da rádio pelo olhar do professor do IPP

“

As rádios locais vieram de facto trazer uma outra estética e uma outra forma de fazer rádio.



Joaquim Luís Rodrigues Bonixe é de Faro, residiu na freguesia da Moita, no distrito de Setúbal e atualmente é professor adjunto no Instituto Politécnico de Portalegre, na Escola Superior de Educação e Ciências Sociais. Leciona disciplinas como Oficina de Ciberjornalismo, Oficina de jornalismo Radiofónico, Novos Media e Sociedade, entre outras. Bonixe é Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade Nova de Lisboa, conta com inúmeras publicações científicas, em todo o seu trabalho destaca-se a área do Jornalismo Radiofónico a nível nacional e regional.

Na sua opinião, em que medida os constrangimentos financeiros sentidos nas rádios locais influenciam o conteúdo que é emitido?

Os constrangimentos financeiros têm, como é óbvio, implicações em qualquer empresa jornalística, seja de amplitude nacional ou amplitude local, naturalmente que são problemas sentidos de formas diferentes. A SIC sentirá estes problemas de uma maneira e a Rádio Seixal sentirá de outra, como é óbvio, são estruturas diferentes. Agora não devemos associar a cena dos media locais como os únicos que têm constrangimentos financeiros. No caso concreto dos meios locais, mais especificamente nas rádios locais, que é a realidade que conheço melhor, os problemas sentem-se muito ao nível dos recursos humanos. Isso é possível perceber nas redações, que são compostas por poucos profissionais e, naturalmente, que existem um conjunto de acontecimentos que têm interesse fazer a cobertura, mas que na redação só existe um jornalista disponível. É perceptível que uma pessoa não pode acompanhar tudo e, portanto, vão haver acontecimentos que vão ficar de fora e isso obviamente que tem influência e ficam prejudicados, porque não conseguem chegar a todas as informações nem a todas as fontes que pretendem e das duas uma: ou deixam cair a peça ou tratam a peça com menos profundidade do que aquela que desejariam. Também há uma outra diferença entre as rádios e os próprios jornais. Nos jornais locais, em concreto do distrito de Setúbal, são jornais semanais, em maioria. Neste momento nem existe jornais diários de Setúbal - já houve, mas neste momento não existem. Em contrapartida, a rádio tem noticiários de hora a hora, tem inúmeros noticiários por dia e, portanto, aqui a falta de recursos humanos, por exemplo, é sentida de modo mais intenso, porque é preciso ter mais jornalistas para ter uma cobertura mais completa.

Numa publicação no Facebook, escreveu o seguinte em relação às rádios locais: “É preciso um quadro legal que privilegie o localismo e que não seja tão facilitador para o aparecimento de projetos padronizados e uniformes. Seria importante olhar para a rádio e ver nela um espaço de proximidade com os seus ouvintes”. Na sua opinião, quais as estratégias que poderiam ser criadas para evitar a tendência das rádios locais se tornarem padronizadas?

Esta publicação foi feita num contexto do que está a acontecer com as rádios locais. Foram criadas com o propósito de serem rádios locais, ou seja, terem informação local, terem uma programação virada para a comunidade. O que acontece agora e já há um bom par de anos - há cerca de 20 anos - é que as rádios locais estão a desviar-se dessa sua função, ou seja, ou estão a ser vendidas a grupos económicos que depois fazem delas rádios que são tudo menos locais, pois na realidade são rádios musicais que não têm uma ligação à comunidade. Por exemplo, na Moita qual é a rádio local que existe? Nenhuma. Em Almada qual é a rádio local que existe? Nenhuma. E por aí fora. E isto obviamente cria um problema muito grande que é da própria rádio local. Nessa minha publicação manifestei a minha opinião de que seria importante que houvesse um quadro legal que, de algum modo, ajudasse estas rádios a serem efetivamente rádios locais. O quadro legal que existe atualmente não ajuda a isso, porque facilita que estas rádios sejam facilmente vendidas a grupos que as transformam noutra coisa qualquer. Portanto, é de fazer decrescer o localismo. Como é que isto se faz? Não é fácil, mas se calhar podia começar-se pela mudança da lei, porque de facto a lei atual não ajuda a que isso aconteça.

Temos conhecimento do projeto REC (Repórteres em Construção), que teve dois anos só com trabalho de bastidores e que foi para o ar no início deste ano. Conta com vários parceiros, inclusive com o Sindicato dos Jornalistas, e tem envolvido inúmeros professores e alunos de 15 universidades

e politécnicos diferentes. Como é que surge a ideia para este programa? Como é que se torna possível de concretizar? Não sei se sou a pessoa mais indicada para responder a essa pergunta. Na verdade, estou envolvido desde o início no projeto do REC, mas há colegas meus mais presentes e que têm tomado as rédeas do projeto, o que não é o meu caso. Neste projeto não sou apenas professor no REC, mas também tenho presença como editor e estou dentro do grupo dos conteúdos de rádio. A direção é neste momento presidida pela professora Sandra Maria - professora na Universidade do Minho. Mas já agora explico que o REC nasce após o último congresso de jornalistas que decorreu em Lisboa, em que experimentámos uma multiplataforma na qual participaram 10 cursos de jornalismo português e nós achámos que tinha corrido muito bem e que seria uma pena deixar a ideia por ali. Queríamos dar seguimento ao projeto de alguma maneira. Reuniram-se uma série de vontades, foram feitos contactos com várias Universidades que têm o curso de jornalismo no país e foi nesse âmbito que se criou os Repórteres em Construção, que tem a finalidade de criar conteúdos que são transmitidos para a Rádio Renascença, para um programa que passa no primeiro domingo de cada mês. Neste momento, já vamos para o quarto programa e tem sido uma experiência muito interessante quer para os docentes como, e sobretudo, para os estudantes que têm feito trabalho jornalístico. Em 2018 fez três décadas que as rádios piratas terminaram. Durante este espaço de tempo, o que considera ter mudado na forma de fazer rádio e



NO CASO
CONCRETO DOS
MEIOS
LOCAIS (...)
OS PROBLEMAS
SENTEM-SE
MUITO AO NÍVEL
DOS RECURSOS
HUMANOS E ISSO
É POSSÍVEL
PERCEBER NAS
REDAÇÕES, QUE
SÃO COMPOSTAS
POR POUCOS
PROFISSIONAIS

na presença dos ouvintes? Mudou muito, a rádio há 30 anos não é a mesma de hoje. Desde logo, existe atualmente uma presença online que não se verificava antes. Hoje existem também mais projetos radiofónicos, independentemente à resposta

dada à pergunta anterior, apesar de poucos, vão existindo algumas rádios que ainda conseguem ser locais, o que é muito positivo. Porque há 30 anos, os espaços em que o cidadão tinha para estar presente na rádio eram ainda menos do que aqueles que são hoje, porque só havia 3 ou 4 rádios e não havia essa possibilidade. Portanto, as rádios locais vieram de facto trazer uma outra estética e uma outra forma de fazer rádio, existe um maior uso da playlist - pode nem sempre ser uma coisa positiva, mas de qualquer forma é preciso ser registado. Trouxeram mais diversidade musical, há hoje uma Smooth Fm, uma rádio que tem um estilo de música muito próprio, hoje há uma M80 que tem também um estilo musical diferente, também a TSF que aparece no contexto das rádios locais/rádios piratas, de informação. Sem as rádios piratas e as rádios locais, a TSF provavelmente não existiria. Mudou mesmo imensa coisa, é quase como uma viagem total.

No artigo Usos e desusos da rádio informativa nas redes sociais - o caso da cobertura da visita de Bento XVI (2010), chega à conclusão que a rádio tem vindo a conseguir adaptar-se à internet e às redes sociais, tirando partido disso em seu proveito, utilizando, por exemplo, estas ferramentas como plataformas de promoção. Esta realidade mantém-se? A circulação de notícias falsas nas redes sociais teve implicações nas rádios com presença online?

A questão das notícias falsas é uma questão muito mais vasta, tem a ver connosco enquanto cidadãos. Tenho sempre alguma dificuldade em falar de notícias falsas associando única e exclusivamente ao jornalismo

porque acho que devem ser associadas a todos nós enquanto cidadãos. Desde logo, quando falamos em notícias falsas, na realidade não estamos a falar de notícias, porque o conceito mais simples de notícia é o relato de alguma coisa que aconteceu e, portanto, se aconteceu, não é falso. E quando falamos em notícias falsas, o termo está errado, porque uma notícia falsa não é uma notícia, é uma mentira. É neste registo que eu gosto de colocar esta questão das notícias falsas. Afeta todos: cidadãos, jornalismo, rádio. Naturalmente que todos nós temos de ser pró-ativos perante este tipo de conteúdos que passa por duvidar, questionar, perguntar, verificar de onde vem a informação e não ir atrás de qualquer informação que circule nas redes sociais. Procurar informação que tenha fontes e que esteja disponibilizada por meios que nos oferecem alguma credibilidade. Uma coisa é eu

ler um post no facebook da TSF e, outra coisa, é eu ler uma informação num site qualquer estranho que nunca ouvi falar. Cabe-nos a nós enquanto cidadãos fazermos essa triagem, sermos críticos em relação à informação que recebemos nas redes sociais e não irmos atrás de tudo. Tudo isto inclui todo o jornalismo e a rádio obviamente. Quais consideram serem os desafios que a rádio enfrenta nos próximos anos? Eu acho que a rádio é diferente nos seus desafios consoante se é de serviço público, uma rádio musical, rádios locais, etc. Nas rádios locais, como já referi, é importante resgatar este localismo para que algumas rádios locais - não têm de ser todas porque o país também é pequeno - continuem a ser, efetivamente, rádios locais. Este é um grande desafio para estas emissores, porque elas próprias já têm muitas dificuldades em manter-se vivas, aproveitando

também as redes sociais e a internet. Com esta ferramenta, as rádios locais têm agora um espaço enorme de afirmação. Por exemplo, um emigrante na Suíça, natural de Setúbal, há-de querer ouvir notícias de Setúbal e através da emissão online da rádio local. A rádio de serviço público tem também o desafio de ser uma rádio global de toda a lusofonia, também olhando para o lado da internet que não pode ser retirada deste desafio. Mas aí também não é só a rádio, é o jornalismo de forma geral, são as novas plataformas, a televisão, todos os meios tradicionais, a internet que, por sua vez, faz surgir novos desafios. Nomeadamente, a questão das fake news, certo que não foram criadas pela internet, mas também é verdade que contribui muito para olharmos para elas com outros olhos, com outra dimensão que não tinham antes da internet. Porque mentiras sempre houve.

PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO DE COMPETÊNCIAS PARA VENCER NO MERCADO DE TRABALHO

PASSAPORTE
PARA O **EMPREGO**

O MUNDO ESTÁ NAS TUAS MÃOS

cria o teu caminho

IPS Instituto Português de Qualidade

SABE MAIS EM www.ips.pt



Lídia Marôpo

O atual rosto da coordenação do curso de Comunicação Social

Lídia Marôpo é professora e atual coordenadora do curso de Comunicação Social no Instituto Politécnico de Setúbal, com um currículo bastante amplo. Já trabalhou como assessora, professora auxiliar, participou em algumas conferências e tem alguns livros publicados. Quanto ao seu novo desafio, a coordenadora quer estabelecer uma nova era para o curso de comunicação social no IPS e contar com o auxílio dos seus colegas e dos estudantes.

Como surgiu a proposta de assumir a coordenação do curso? O que achou da mesma?

Foi um convite da direção da ESE, esta nova direção convidou-me para coordenar o curso. Eu encarei como um desafio e recebi com um voto de confiança, num momento em que o curso vai sofrer uma avaliação. Já foi feito o trabalho de avaliação de preencher os formulários da agência que credita o curso, a A3ES - Agência de Avaliação e Creditação do Ensino Superior. O curso era coordenado pelos professores Ricardo Nunes e Marta Alves, e agora estou com esta responsabilidade. Acho que é um grande desafio, mas que não é uma tarefa individual. É uma tarefa feita por mim, mas também pelos outros professores que fazem parte do curso.

Qual a opinião da professora em relação ao plano de estudo? (visto que assumiu a coordenação já com um formato que dura há anos) Pensa fazer mudanças?

A mudança no plano de estudos não é uma decisão individual minha, é algo que tem que ser discutido com os outros professores, com o Departamento de Ciências da Comunicação e da Linguagem da qual o curso faz parte, o Conselho Técnico Científico do Politécnico, e tem que ser aprovado pela agência que trata do curso, a A3ES. Dentro deste contexto, eu diria que existem muitos níveis a percorrer para fazer mudanças no plano de estudos. Pessoalmente, gostaria que houvesse mais disciplinas focadas na área da comunicação no plano curricular. Algumas disciplinas que estão como opções, deviam estar no plano das disciplinas obrigatório do curso. Dentro daquela lógica de maior equilíbrio da teoria e prática, também sinto falta de disciplinas focadas em áreas mais

profissionais ao longo dos três anos e, dentro das disciplinas, importar uma visão da importância do digital, seja qual for a unidade curricular em que estamos a ensinar, tem que se incorporar essa transformação social dos média tradicionais para um novo contexto da sociedade vigente.

Quais os aspetos que a professora considera fazerem falta? O que considera positivo no plano do curso? Como pensa implementar o que falta?

O bom é que temos boa margem de teoria e prática. Acho que temos de ter extra equilíbrio de teoria e prática durante todos os semestres do curso, temos que ter o maior envolvimento no contexto em que nos inserimos, na comunidade em que nós estamos inseridos, desenvolver novos projetos práticos. Acho que temos que desenvolver mais produtos, temos o Jornal Repórter, temos o trabalho com a IPStv, mas deveríamos ter também mais produtos para que os alunos tivessem um maior contato com a prática profissional nas várias áreas da comunicação, não só no jornalismo, como comunicação estratégica e audiovisual. Um outro aspeto que também acho importante é ter uma maior ligação com a área de investigação – o que os professores investigam, o que estudam fora do contexto de sala de aula também deve ser de alguma forma aproveitado pelos alunos, que tenham o desafio de trazer estas investigações para o contexto do dia-a-dia na sala de aula e fazer com que os alunos também participem mais em projetos de investigação em parceria com os professores.

Quais as mudanças que pondera fazer enquanto exercer o cargo de coordenadora?

Acho que estamos no momento de várias transformações na área da comunicação e temos que preparar o curso para responder a esses

desafios. Estas transformações têm a ver principalmente com o digital na área da comunicação, acho que é sempre muito difícil qualquer formação académica acompanhar a parte da formação tecnológica-social da área em que atua, no nosso caso ainda mais difícil por ser tudo muito rápido. Acho que temos este desafio de adaptar o curso a estas novas transformações, porque invadem muito a forma como o jornalismo é feito, pois tem mudado muito a forma como as outras áreas da comunicação, como relações públicas e publicidade trabalham. Tudo é muito forte para o digital e nós temos que nos adaptar a estas novas realidades. Acho que são estes os desafios.

A professora conhece bem o sistema das universidades e também dos politécnicos, uma vez que já teve experiências dos dois lados. Quais as diferenças que viu e sentiu num lugar e no outro. Qual prefere?

Eu tenho gostado muito da minha experiência de lecionar no Politécnico de Setúbal, acho que se nós olharmos para o plano curricular do curso em comparação com o plano curricular das universidades não vejo assim tantas diferenças. O que eu acho que deve acontecer na prática é que o politécnico deve ter um foco maior, uma perspetiva profissionalizante mais prática do ensino do que numa universidade. Mas da minha experiência de professora universitária e do politécnico, não sinto assim tanta diferença, talvez o que acho mais visível é o investimento das universidades por parte da investigação do que há normalmente nos politécnicos, isso também é algo que se tem vindo a transformar. Percebo o esforço e uma maior preocupação do Politécnico de Setúbal e de outros politécnicos em investirem na área da investigação, talvez o que faça mais falta para mim no ponto de vista

O POLITÉCNICO DEVE TER UM FOCO MAIOR, UMA PERSPECTIVA PROFSSIONALIZANTE MAIS PRÁTICA DO ENSINO DO QUE NUMA UNIVERSIDADE.

profissional seria ter um segundo ciclo “mestrado” no Politécnico, que já daria uma possibilidade maior de investigação e de aprofundar o primeiro ciclo “licenciatura” de ensino.

Qual é o feedback que tem recebido dos seus colegas e dos estudantes relativamente ao cargo?

Não sei se já posso fazer uma avaliação porque estou a ocupar o cargo há pouco tempo - voltei de licença no final de fevereiro, portanto estou no cargo há três meses – e, por isso, não consigo ainda fazer um balanço. Mas o que eu tenho tentado fazer é ter um diálogo mais próximo com os meus colegas e com os estudantes e tive a sorte neste semestre estar a dar aulas nos

três anos do curso e, como estava em contato regular com as três turmas, tentei sempre conversar e mostrar que estou de portas abertas para o diálogo com os alunos. Tenho recebido dos estudantes um feedback sempre muito positivo, tenho conseguido dialogar e, de uma maneira geral, tenho tentado ao máximo responder a demanda, aos e-mails, às solicitações. Estou a falar de várias questões sobre, por exemplo, o que gostariam de mudar, de melhorar e, dentro das possibilidades, tenho tentado dar respostas. Dos meus colegas, acho que também tenho tentado ter esse diálogo mais próximo e espero conseguir uma mudança maior no próximo ano letivo porque aí também eu estarei com uma turma que está a começar e tenho mais possibilidades de atuar. Ainda estou a conhecer melhor o terreno, a perceber quais as melhores possibilidades, a ouvir os meus colegas e os estudantes para ver o que se pode fazer. Neste percurso também fiz um relatório a pedido da direção da ESE sobre o curso, em que avaliamos diversos aspetos do curso, como por exemplo o perfil do corpo docente, a internacionalização do curso, a investigação feita no curso. Coloquei à direção várias propostas de melhoria, como por exemplo o facto de o curso ter um nível muito baixo de mobilidade – tanto de enviar alunos para fora, como receber alunos - e o primeiro passo que eu tentei para resolver esse assunto foi de convidar o CIMOB - o órgão responsável pela mobilidade na escola - para conversar com os alunos e explicar como fazer e quais os passos a dar para fazer o estágio fora. Tenho tentado falar e estimular os alunos nesse sentido e espero que dê algum resultado e que vários alunos façam o estágio fora de Portugal; tenho também estado

a convidar professores de fora e, este semestre recebemos dois professores, um da República Checa e uma da Espanha, que vieram conversar com os alunos e trazem outras perspetivas de outros países.

No ano em que o Politécnico completa 40 anos de existência, de que forma considera que o curso de Comunicação Social tem contribuído para o crescimento da instituição? De 0 a 10, de que forma o curso está classificado no ranking do Politécnico?

O que eu posso dizer é que o curso de comunicação social é um curso bastante importante dentro da ESE e para o IPS. É um curso que tem preenchido praticamente a totalidade das vagas que dispõe, é um curso que tem estudantes com bom nível de entrada, uma das médias mais altas de entrada na ESE e tem uma excelente procura. É um curso bastante estratégico dentro da ESE e consequentemente no IPS e acho que temos vários exemplos de profissionais formados pelo curso que estão a atuar no mercado de trabalho. De maneira geral, acho que damos uma ótima resposta, temos respostas satisfatórias das avaliações das performances académicas dos estudantes e temos um bom feedback dos estágios que os estudantes realizam. Temos um ranking bastante alargado de instituições nas quais temos protocolo nas

diversas áreas da comunicação, no jornalismo, comunicação estratégica, no audiovisual, comunicação cultural, e acho que o facto dessas instituições renovarem sempre esses acordos significa que os nossos estudantes têm tido um bom desempenho nesses estágios. Temos muitos desafios, mas acho que estamos no bom caminho. Não me sinto confortável para dar uma nota, sou sempre muito consciente a dar notas, mas diria que o curso está aprovado com uma boa avaliação e que o seu contributo tem sido satisfatório ao longo desses anos.

Enquanto coordenadora, qual a marca que gostaria de deixar?

Eu gostaria de deixar uma marca de seriedade, de compromisso, de planeamento estratégico que envolva todos esses setores, queria poder melhorar o curso no âmbito da investigação, da internacionalização, do equilíbrio entre a teoria e a prática, na coerência do plano de estudos, na relação entre professor e estudante e acho que um desafio também maior é da integração dos estudantes no mercado de trabalho. Se eu conseguir fechar para um contributo significativo nessas áreas, já é um grande desafio e eu ficaria muito, muito contente.

Pode contar-nos alguma história que a tenha marcado enquanto professora no Politécnico de Setúbal?

Eu acho que fiquei muito feliz

quando entrei no Politécnico porque acho que aquilo foi uma prova da seriedade que o Politécnico encara o seu trabalho. Eu entrei no IPS através de um concurso público, eu não conhecia ninguém, fiz esse concurso juntamente com 16 pessoas e foi o processo de seleção sério, em que as pessoas foram avaliadas pelas suas experiências profissionais, académicas, pelas suas produções científicas e eu tive sorte ou talvez mérito também e fui selecionada. No âmbito académico, nós ouvimos muitas vezes relatos de casos de concursos que supostamente são manipulados para favorecer pessoa A ou pessoa B, e o facto do Politécnico fazer um concurso realmente aberto, sério e profissional diz muito sobre a seriedade da instituição e isto para mim foi um momento de muita alegria, de começar a trabalhar da maneira que tem que ser - a maneira correta. Além disso, gosto muito da relação com os alunos, acho que o facto de sermos uma turma pequena, do curso ter uma dimensão pequena, nos permite ter uma relação mais próxima com os alunos, saber os nomes e ter mais informações sobre as histórias de vida deles, as expectativas. Tento não só ensinar conteúdo, mas também poder conversar com os alunos sobre o que querem, sobre ética na profissão, no geral sobre a vida. Isso tem-me marcado muito. Educar também é isso. ♡



alumniIPS

Rede de Antigos Alunos

www.alumni.ips.pt

A experiência de José Pina na rádio, pela qual sempre teve “muito interesse, desde miúdo”, terminou abruptamente devido a divergências com o seu diretor. Despediu-se dos seus colegas e foi para casa, ainda que no dia seguinte tenha voltado de modo a resolvê-las. No entanto, “cheguei de manhã e tinha a fechadura mudada”, foi a gota de água. Desta forma, fechou o bichinho da rádio numa caixa da qual nunca o tirou e nem planeia fazê-lo a curto prazo. Foi na Rádio Baía, do Seixal, que se iniciou enquanto jornalista. Apresentou vários programas, passou por diversas emissoras e acumulou funções enquanto radialista, até que chegou uma fase da sua vida profissional em que decidiu dedicar-se a tempo inteiro à imprensa escrita, na qual permanece até hoje, apesar de ainda sentir “alguma nostalgia ao lembrar os tempos de rádio”. Fundou e dirigiu o Jornal Notícias de Paio Pires Futebol Clube, colaborou com um sem número de jornais do distrito, foi redator e editor desportivo de outros tantos. Além disto, em Lisboa, foi colaborador do jornal Gazeta dos Desportos. Atualmente, colabora com um dos grandes jornais desportivos nacionais, o Record, enquanto correspondente da Margem Sul da publicação. As suas funções centram-se principalmente no centro de estágio do Benfica, no Seixal, cobrindo os jogos das camadas jovens do Sport Lisboa e Benfica. Continua a colaborar com O Setubalense, no qual edita a secção desportiva. A sua experiência em diversas modalidades levam-no a defender a inexistência de uma forte cultura desportiva no nosso país e aponta a falta de fairplay como um flagelo capaz de minar o desporto nacional e o que o mesmo deve significar: “Há uma falta de cultura desportiva porque as pessoas hoje em dia só pensam na vitória. E é claro que há três resultados possíveis”. Este fenómeno intensifica-se, segundo o mesmo, quando essa falta de cultura desportiva se verifica nos dirigentes dos clubes - principalmente dos três grandes em Portugal. Enquanto detentores do poder e da capacidade em alterar o rumo dos acontecimentos, deveriam servir de exemplo. Contudo, nem sempre lhe é fácil ser imparcial, pois por muito que o tente haverá sempre quem esteja contaminado pela má conduta desportiva, não respeitando as opiniões contrárias e, muitas vezes, dificultando o trabalho de um jornalista desportivo. José Pina lamenta que a imprensa descure os mais pequenos, dando ênfase principalmente aos três grandes do nosso país e conta que tentou, em tempos, contornar esse facto, falando com o editor do jornal Record, que lhe disse à época que deixasse essa luta porque “o que interessa é Benfica, Sporting e Porto. São eles que vendem”. Pina vê estes fatores como parte de um problema crescente de falta de desportivismo e garante que tenta, através do seu trabalho, principalmente n’O Setubalense, contornar esta hegemonia dos grandes, dando voz aos mais modestos.

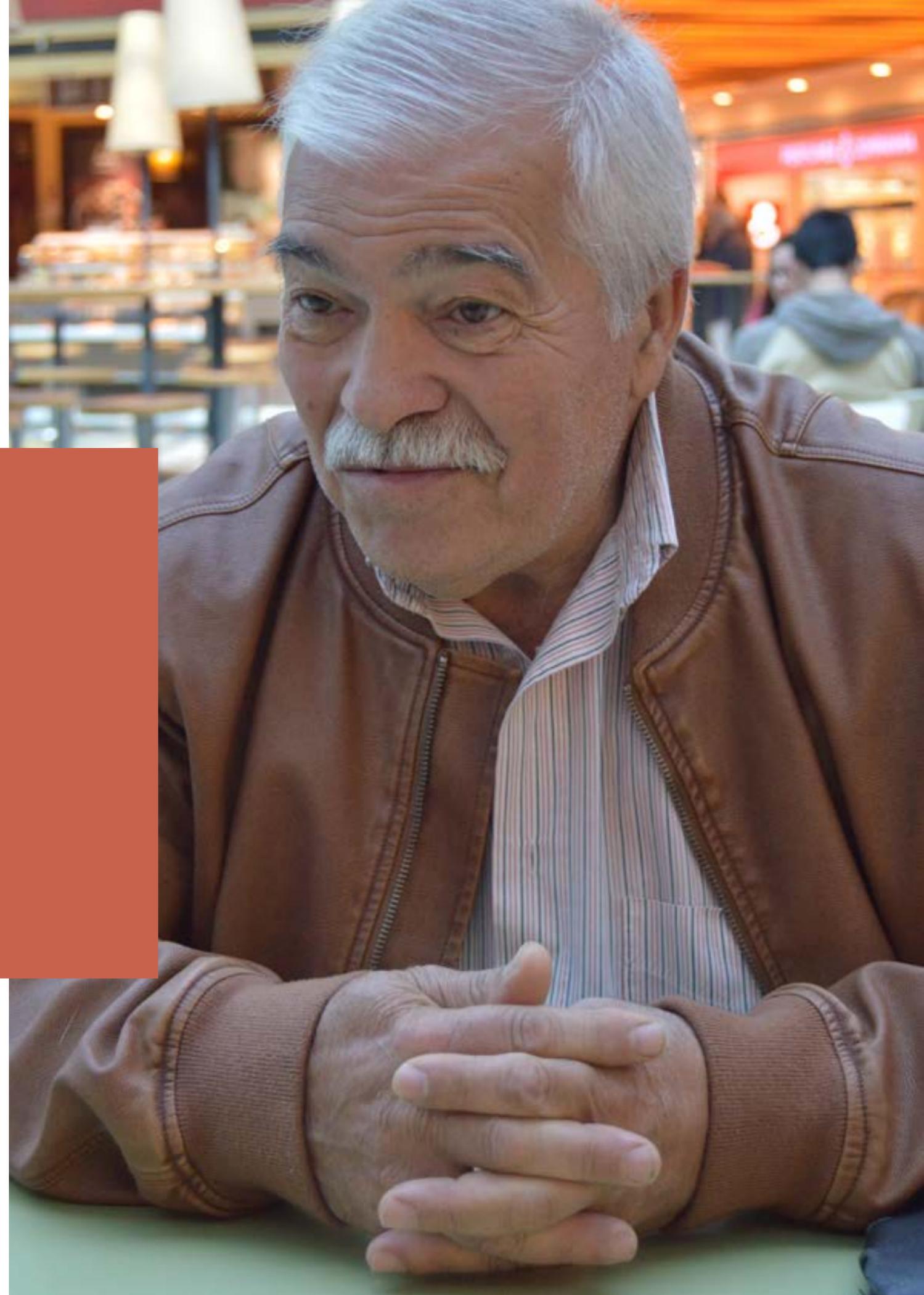
José Pina

A Falta de Cultura Desportiva

ANA TOMÉ E DAVID SIMÕES

“

O que interessa é Benfica, Sporting e Porto. São eles que vendem.



José Luís Andrade

Paradigma tecnológico nos media regionais

CAROLINA LUZ E JOANA SENA

Atualmente formador na área da multimédia e produtor de media digital no Diário da Região “O Setubalense”, José Luís Andrade conta com uma vasta experiência em fotografia, vídeo, design, marketing e tudo o que esteja relacionado com a componente digital e tecnológica da comunicação. Esteve envolvido no projeto “Setúbal na Rede”, um dos primeiros jornais regionais em formato digital. Considera os media regionais, de certa forma, mais importantes que os nacionais na medida em que são mais próximos das pessoas: “Os primeiros podem substituir os segundos, mas o oposto não é possível, pois os media regionais relatam as notícias que não interessam aos nacionais e podem noticiar os eventos de nível nacional.” A diferença entre o regional e o nacional reflete-se sobretudo a nível financeiro. Quem possui cargos de chefia, como Andrade no “Setúbal na Rede”, tem a responsabilidade de “pensar nas contas que precisam de ser pagas, nos ordenados dos colaboradores, e todas as inovações têm sempre de passar pela análise de potenciar o cumprimento destas obrigações ou colocá-las em causa”. Apesar do pouco orçamento, os modelos de negócio na comunicação têm de evoluir e acompanhar a inovação e, deste modo, o entrevistado considera que a tecnologia tem de ser posta em prática progressivamente. Antes de entrar para o curso de Comunicação Social no Instituto Politécnico de Setúbal, e por já ter conhecimentos na área de imagem, José Luís Andrade trabalhava como técnico de

audiovisuais na Escola Superior de Educação. Posteriormente, passou para a Oficina Multimédia e, mais tarde, para o Centro Gráfico do IPS. Tentando “fugir à matemática”, fez o seu primeiro curso superior em Tradução e Interpretação de Inglês e Francês, na ESE e, de seguida, abriu a sua própria empresa na área da comunicação visual, desempenhando a função de fotógrafo e designer de edições periódicas e tendo adquirido experiência em programação. Em 2007, volta à ESE para tirar o curso de Comunicação Social. Andrade reflete que o interesse, mais do que a formação, é o que faz com que as pessoas percebam realmente de alguma área: “Qualquer formação só nos dá as bases e uma indicação da direção a seguir. As poucas dezenas de horas que qualquer estudante tem sobre um assunto não chegam para profissionalizar alguém”. Vê no ensino a possibilidade de fomentar o espírito crítico e de usar o conhecimento. Por esse motivo, apostou na sua formação e tirou o mestrado na Universidade Nova de Lisboa em Novos Media e Web, sendo que, atualmente, está a terminar o Doutoramento em Comunicação Digital e Media/Multimédia. O entrevistado coloca em análise o paradigma tecnológico atual, afirmando que vivemos um período interessante “porque ainda não saímos de um mundo analógico, mas também ainda não entramos num mundo digital”. Considera que já foram identificados os problemas nos media e o que deve ser alterado mas, no entanto, ainda não foi encontrada nem posta em prática uma solução eficaz.



alumniIPS
Rede de Antigos Alunos

CONHEÇA AS VANTAGENS
www.alumni.ips.pt

JORGE PEDRO SOUSA

O homem por detrás
das obras



Jorge Pedro Sousa, nascido a 9 de maio de 1967, na cidade do Porto, é professor catedrático da Universidade Fernando Pessoa e do Instituto de Ciências da Comunicação da Universidade Nova de Lisboa. O académico é reconhecido pelas suas obras, reflexivas do seu interesse pela teoria e história do jornalismo, assim como pela produção jornalística. Já ganhou prémios internacionais, tendo o último sido concedido pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação - Diploma de Mérito Académico.

Quais são as melhores aprendizagens que obteve da sua carreira?

Considerar que posso aprender com os alunos tanto quanto eles podem aprender comigo. Faz parte do conselho científico de várias revistas conceituadas. Quais são as razões que o motivam a fazer parte da organização deste tipo de meio de comunicação social?

A arbitragem de artigos científicos para revistas científicas faz parte do trabalho do docente e investigador universitário, já que a aceitação de novo conhecimento científico depende desta arbitragem.

Enquanto investigador, dedica-se também à teoria do discurso jornalístico. Acredita que este mudou perante os desafios que os jornalistas enfrentam atualmente, como as *fake news* ou governantes políticos que questionam a credibilidade da informação

jornalística?

O discurso jornalístico tem mudado mais por causa da adaptação a novos suportes, novos dispositivos de difusão e novas solicitações de novos públicos do que por causa das *fake news*. A explosão das *fake news*, em grande medida por causa das redes sociais, representa, até, uma oportunidade para o jornalismo. Se os jornalistas souberem produzir informação rigorosa e verificada que atraia os cidadãos - cada vez mais vacinados contra a possibilidade de serem enganados por conteúdos desinformativos ou manipuladores disseminados nas redes sociais.

Realizou a sua formação académica em Espanha e também em Portugal. Quais são as principais diferenças que denota em ambos os ensinamentos e qual é o

preparou melhor para os desafios da sua carreira profissional?

Estudar no estrangeiro é fundamental para criar redes internacionais, vitais para a investigação científica, e para nos abirmos a novas formas de ver as coisas e resolver problemas. Ao longo de quatro anos que estudei em Espanha, para mestrado e doutoramento, pude perceber que as universidades espanholas têm um ensino de excelência capaz de, no caso do Jornalismo, articular a teoria com a prática, no espaço que eu classifico como técnico. Quais são as medidas que os media regionais devem adotar para serem independentes e atingirem o mesmo patamar de sucesso que os media nacionais?

Os meios regionais têm mais dificuldades em triunfar no mercado e conquistarem a sua independência porque, seguindo um modelo de negócio jornalístico tradicional, dependem muito da publicidade e, em particular, dos organismos públicos que neles publicitam, como as câmaras municipais, e das empresas que neles anunciam - o que os coloca, muitas vezes, numa atitude de

subserviência face ao poder político e ao poder económico. Na verdade, a crise do negócio jornalístico convencional ameaça os media regionais e locais mas também os nacionais. Muitas das empresas mediáticas convencionais têm as contas no vermelho. Não há uma receita para o sucesso. Ajuda se souberem produzir informação rigorosa e verificada que cativa os públicos a nível regional e local.

O panorama social e político vigente em Portugal dificultam a existência dos media regionais?

Não.

Quais foram os fatores que debilitaram a credibilidade do público em relação aos media, para além da conjuntura política e o fortalecimento do sensacionalismo?

Por um lado, os media jornalísticos convencionais e os jornalistas têm a confiança de grande parte dos portugueses. Por outro lado, não me parece que hoje exista mais sensacionalismo do que, por exemplo, no final do século XIX, quando surgiu a

segunda geração da imprensa popular, também designada por [primeiro] movimento de Novo Jornalismo. Este é o tipo de pergunta que exige conhecimento histórico e conhecimento da situação real para não se meter a pata na poça.

O jornalismo e a comunicação são devidamente valorizados pela sociedade como outra disciplina académica?

Não. Prova disso é que não é necessária uma licenciatura em Jornalismo para se aceder à profissão. Aliás, nem sequer é necessária uma licenciatura, infelizmente. Pode contar-nos algumas histórias caricatas que ocorreram na sua carreira? A cada passo, estudantes que não conheço pedem-me ajuda para trabalhos e entrevistas... Às vezes, forjam-se, assim, laços de amizade e entretajuda... Pronto. Se passar pelo Porto, venha conhecer a Universidade Fernando Pessoa e tomar um café comigo.

João Pedro Amaral

“Quando entras no mercado de trabalho, percebes que o mundo é totalmente outro”. Tendo começado o seu percurso profissional como estagiário no Teatro Maria Matos, João Pedro Amaral foi evoluindo na sua carreira até hoje ser o Diretor de Comunicação do Teatro D. Maria II. Esqueceu a área do Direito – que sempre pensou seguir – e focou-se na Comunicação Social – área que só descobriu gostar no final do ensino secundário. Nascido e criado em Lisboa, Amaral confessa que a distância foi um fator significativo na sua vida quando resolveu ir estudar para Setúbal: “Estava muito longe, mas eu queria um Politécnico, um ensino mais prático.” Retornou à capital quando assentou na área cultural da comunicação, confessando que, apesar de ter entrado nesta vertente “por acaso” – fruto da experiência de estágio –, sempre se interessou por teatro e assistia frequentemente a espetáculos. Conta que ainda existe uma falta de acesso à cultura, mas que há pessoas que “não se identificam com a área cultural ou que não têm práticas culturais.” Por isso, um dos papéis da comunicação social deve ser o de “desconstruir a ideia que o público possa ter” em relação a este contexto. Nota ainda que existe pouco espaço para a cultura na imprensa, o que dificulta o seu trabalho e obriga a um firmamento de laços mais próximos com vários jornalistas. À medida que acompanhou a entrada de uma nova Direção Artística no Teatro D. Maria II e todas as mudanças a ela adjacentes, considera que a sua evolução profissional para o cargo de Diretor de Comunicação foi “um processo natural”, uma vez que já estava familiarizado com o trabalho de comunicação do Teatro, que executava já há

Perdido e achado no Teatro

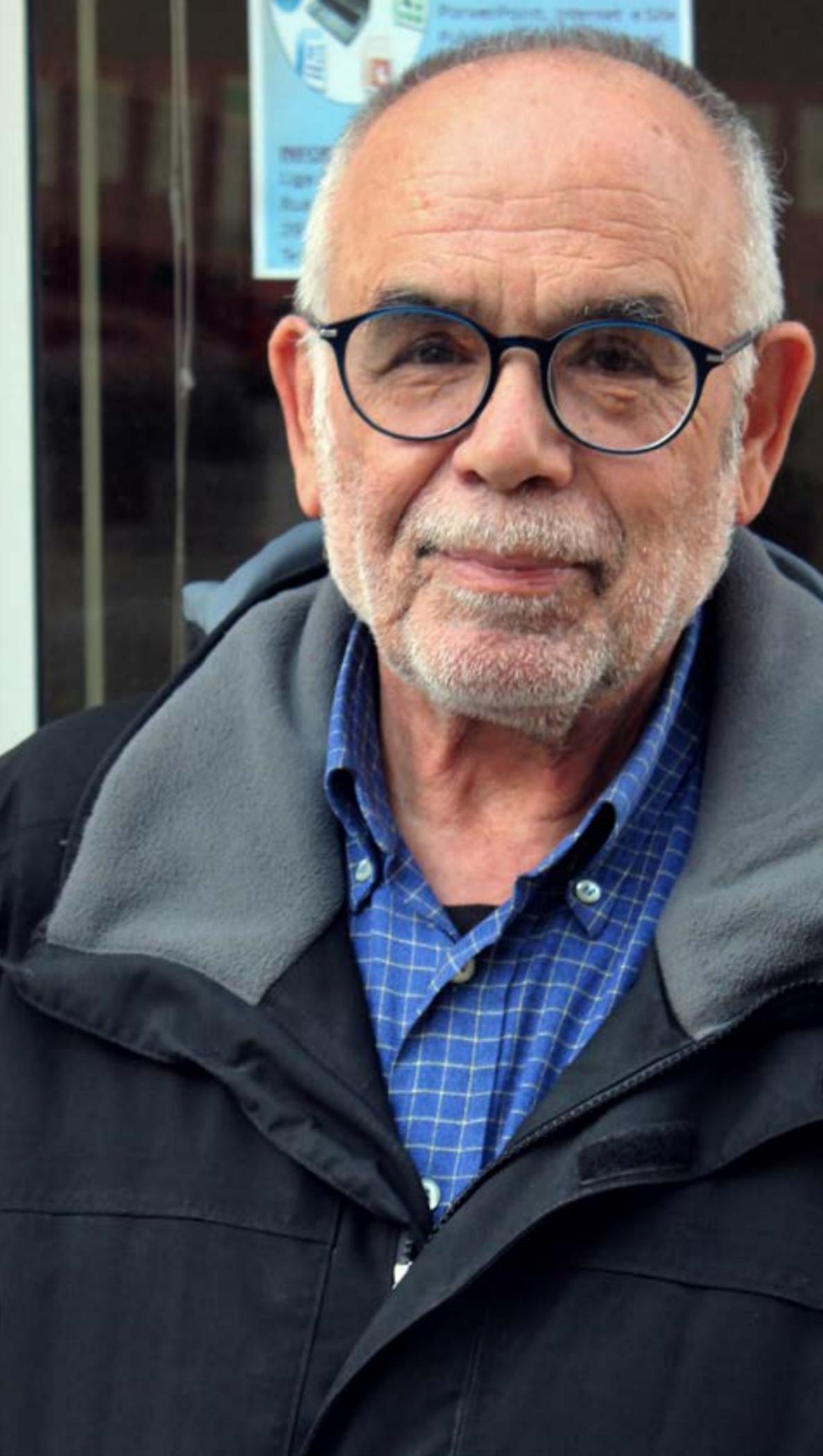
BEATRIZ FERNANDES E FILIPA MARTINS

alguns anos. Contudo, Amaral considera tratar-se de uma enorme responsabilidade, por ser “um teatro com uma expressão grande no país.” Ao mesmo tempo que fazia do Teatro a sua casa profissional, lançava trabalhos como freelancer para o Teatro Maria Matos e Teatro Meridional. Foi desta forma que surgiu a ShowBuzz – projeto de Comunicação e Assessoria de Imprensa para a Cultura –, fruto da intenção de criar uma marca que aliasse o seu nome ao seu trabalho. Em relação à área do jornalismo, Amaral nota que está a passar por uma crise financeira derivada, também, de uma mudança de paradigma, em que “as pessoas sentem mais a necessidade de procurar entretenimento do que propriamente a informação”. Porquê? Porque “estamos tão absortos no nosso trabalho que chega o final do dia e já não apetece ler mais um calhamaço de informação.” Ainda que, para além do entretenimento, a imprensa seja atualmente caracterizada por Amaral como de “consumo rápido” e “conteúdo fácil”, este acredita que ainda possui o papel fundamental de “promover a reflexão e a pluralidade de opiniões”. Das histórias peculiares a registar, João Pedro Amaral conta a dificuldade inicial em decifrar o labirinto que era o Teatro D. Maria II, onde constantemente se perdia: “Uma vez, quando fiz uma visita com jornalistas, perdi-me e tive de contar com o apoio de alguém para me vir buscar.”

“

Quando entras no mercado de trabalho, percebes que o mundo é totalmente outro.





Da perseguição à liberdade

Entre a economia e a comunicação

BEATRIZ FERNANDES E FILIPA MARTINS

João Aldeia

“

Quem é que quer saber o que se passa na terra quando as pessoas têm televisão, internet e o jornal sai de mês a mês?

Havia um sentimento estranho desde miúdo. Eu sabia que o mundo era uma coisa perigosa.” Na década de 70, João Aldeia foi mergulhando no ambiente político contestatório resultante do regime ditatorial. Durante os seus tempos de escola primária em Alhos Vedros, João Aldeia consciencializou-se da repressão e detenções que assolavam o país. Em oposição, mudou-se para Sesimbra com 10 anos, onde não existia atividade política e o turismo crescia abismalmente. Imerso na vida de jovem tranquilo, com “bailes em grande e música *pop rock*”, chegou a Lisboa em 1972 e rapidamente foi engolido pelos movimentos estudantis: “os estudantes combatiam a guerra, não tinham medo de ser presos, chamavam fascista ao governo e assassinos à PIDE.” Tendo ingressado no curso de Economia, Aldeia não tinha um projeto definido para o seu futuro. O único desejo era formar-se num curso superior, algo quase impensável dadas as condições económicas. Definindo-se como jornalista amador – facto verídico dado que não se profissionalizou, mas curioso atendendo o seu trabalho extenso na área que até hoje continua a exercer –, Aldeia fundou um jornal de que foi diretor durante longos anos. Enquanto economista, especializou-se na área da contabilidade, tendo trabalhado na Câmara Municipal de Setúbal e Sesimbra, até voltar ao jornal O Sesimbrense, onde já havia trabalhado e onde atualmente assume o cargo de diretor. Porém hoje debate-se com problemas que não faziam parte das suas preocupações, décadas atrás: “Quem é que quer saber o que se passa na terra quando as pessoas têm televisão, internet e o jornal sai de mês a mês?”. Preocupado com a periodicidade do jornal, revela a sua apreensão enquanto mostra a sobra de jornais que vão acumulado na redação. Destaca o peso da imprensa por permitir o contacto direto com as fontes e a consulta de várias opiniões, não a substituindo pelas redes sociais. No entanto, o jornal tem sérias dificuldades “a não ser que dê a passagem para o mundo virtual”. Das histórias peculiares a registar, João Aldeia descobriu “uma reação negativa” a algo que acreditava ser inocente. Com o objetivo de destacar a comunidade piscatória, selecionou pescadores que ia encontrando na vila para serem protagonistas de entrevistas a realizar para uma peça jornalística. Os mais zangados questionavam-se “Porque é que ele há-de entrevistar aquele gajo?”, como se estivesse a deixar outros de parte – algo que Aldeia só entendeu mais tarde, chegando à conclusão que o seu critério de escolha foi arbitrário. Assim, deu razão ao povo, sem esquecer que “o ser humano é mesmo assim” - controverso e opinativo.

Humberto Lameiras e a Comunicação Regional

O concelho de Almada
aos olhos do jornalista

CAROLINA LUZ E JOANA SENA

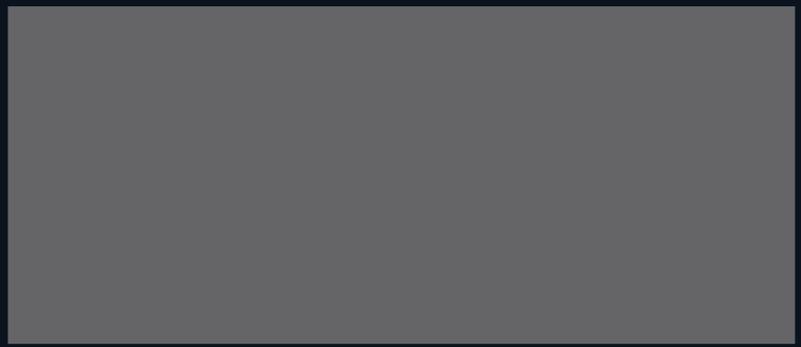


“O interesse no querer saber”, influenciado pelo fim do regime em 1974, despertou em Humberto Lameiras o seu interesse pelo jornalismo. Almada, durante a sua juventude, proporcionou-lhe a participação em atividades relacionadas com o teatro, música e leitura, o que o jornalista considerou também ser estimulante para a sua formação. Sociologia e Jornalismo competiram na sua vida académica e pessoal – pela inexistência de oferta de cursos relacionados especificamente com jornalismo. Lameiras optou por frequentar Relações Públicas, Publicidade e Comunicação aplicada no Instituto de Novas Profissões, que tinha cadeiras associadas a ambas as áreas de interesse. Na comunicação social, o seu percurso começa no jornal regional Almadense Sul Expresso (que acaba por falir). Em Setúbal, Lameiras passou pelo O Atual, o Semmais mas, mais tarde, volta a Almada onde cria o Cidade de Informação Regional Almada. Posteriormente, integra também o jornal Seixalense. Quando a editora do jornal Setubalense e antiga colega no Semmais jornal, Etelvina Baía morre, o jornalista é convidado para ser o editor durante cerca de um ano. Esteve um período de baixa por motivos pessoais e, quando regressou, passou a ocupar aquela que é a sua atual função como jornalista no Jornal O Setubalense. Refere que em simultâneo, trabalhava nas versões online dos jornais pelos quais passava e fazia também alguns trabalhos para a imprensa nacional. Identifica públicos totalmente diferentes no que diz respeito aos media regionais em Setúbal e em Almada. Sendo que em Almada existe muito pouca atividade, o

“

A emoção por
vezes não é
boa
companheira
dos factos.

jornalista sublinha que “o que acontece em Almada, acontece em Lisboa” e, por essa razão, o público não é ativo, registando-se inclusive uma ausência significativa de media regionais naquela localidade. Setúbal é o contrário do que se regista em Almada: tem um público ativo e que até chega a contactar a redação para dar conhecimento de que aconteceu algo com importância e que deve ser publicado no jornal. Refere como um dos momentos mais marcantes na carreira de jornalista a cobertura do asilo 28 de maio, em Porto Brandão, o local abrigava mais de 600 pessoas que tinham chegado das ex-colónias em condições decadentes. António Guterres, na altura Primeiro-Ministro, visitou o local no concelho de Almada poucos dias antes de uma derrocada acontecer, tendo, no dia da visita, afirmado que a situação tinha de ser “rapidamente resolvida”. Humberto Lameiras recorda que era um local em que as pessoas viviam em condições muito precárias, com esgoto e lixo a céu aberto, entre degraus de escadas, sem luz, com cheiros terríveis e sem quaisquer condições de higiene ou segurança. Esta realidade obrigou-o a ter uma frieza extrema, e colocar de parte o seu lado mais humano quando tudo apelava à emoção. Nesse dia morreram duas crianças e Humberto reforçou que “a emoção por vezes não é boa companheira dos factos”.



Não é Nobre ter um futuro incerto

MELÍCIA FRANCISCO NADINE CONTADOR

“As *fake news*, as redes sociais e o *clickbait* condicionam o nosso trabalho e põem em causa a sua credibilidade”. Para a jornalista Helga Nobre, estes são os maiores desafios que a área da comunicação social enfrenta. Atualmente, vivemos numa era em que qualquer pessoa pode fazer o papel dos profissionais de comunicação social, não existindo quaisquer restrições para as notícias partilhadas. A maioria dos cidadãos não adota uma postura crítica em relação aos conteúdos que lê e partilha e, ao contrário dos jornalistas como Helga Nobre, não são limitados pela ética da profissão e pelo código deontológico: “Cabe-nos a nós, jornalistas, a procura da verdade e o combate a este fenómeno”. Nas palavras de Nobre, é “urgente educar” o público sobre as notícias falsas: “A opinião pública tem de saber distinguir uma notícia falsa de uma fonte credível”, uma vez que estão presentes nas várias plataformas que consumimos, assumindo que os media locais poderão ser a solução para a consulta de fontes fidedignas. Helga Nobre realizou a sua atividade jornalística em diferentes órgãos de comunicação social, mas prefere a sua experiência como profissional num meio regional para salientar e alertar as dificuldades de recursos - não só humanos como financeiros - enfrentados por estes órgãos: “Sem recursos humanos dificilmente os media locais conseguirão ter futuro”. É crescente a falta de vontade dos novos profissionais de comunicação social em integrarem redações mais pequenas e com crescentes dificuldades financeiras, causando a multiplicidade de tarefas na redação e, conseqüentemente, uma limitação do tratamento noticioso. Além disso, é pertinente referir o considerável apoio financeiro que os media nacionais recebem comparativamente aos locais - que mal conseguem manter-se à “tona de água” - e à quebra nas receitas publicitárias sofrida pelos órgãos de comunicação social locais. O público contribui para este panorama funesto, pois opta, frequentemente, pelos jornais populares com as manchetes de notícias nacionais, sem prestar atenção aos acontecimentos que ocorrem na sua própria comunidade e divulgados pelos media locais.📍



Gualter Ribeiro, de 56 anos, é jornalista correspondente da região de Setúbal para a Agência LUSA desde 1993, tendo ingressado nos quadros da empresa em 2003. Começou o seu percurso profissional na área do jornalismo radiofónico na Rádio Azul, em Setúbal. Permaneceu desde 1987 a 1999 a exercer funções como jornalista, redator, repórter e realizador de diversos programas de informação. Foi também no ano de 1987 que decidiu investir nas suas habilitações, pela necessidade de profissionalização: “Comecei na rádio e a primeira tarefa que me impõem é ser técnico de som. E eu não era nenhum técnico, tirando o curso de locutores/realizadores/jornalistas de rádio, promovido pela TSF”, onde considera ter ganho umas das bases mais essenciais para a sua aprendizagem no meio jornalístico. Tornou-se chefe de redação da Rádio Azul entre os anos de 1991 e 1997, função que também exerceu na Rádio Clube da Moita e, para preencher os seus conhecimentos técnicos da área, tirou um curso de técnicas de base de televisão no Centro Protocolar de formação profissional para jornalistas (CENJOR) em 1993. Mais tarde, em 2008, tirou um curso de produção de vídeo para jornalistas na Universidade do Porto, e também uma licenciatura no curso de Comunicação Social na Escola Superior de Educação do IPS, refletindo sobre “estar desse lado - de aluno - é melhor que estar deste, e disso nunca deixarei de ter saudades”. Tendo contribuído para os media regionais, principalmente sobre a sua cidade de Setúbal, é importante ressaltar a sua colaboração para vários órgãos de comunicação regionais e nacionais, como o Setúbal Desportivo, Correio de Setúbal e 24horas, e sendo ainda correspondente da RDP/ANTENA 1. Durante o seu percurso na rádio, destacou uma situação que sentiu ter moldado ou modificado a sua perspetiva profissional, principalmente sobre as suas decisões e escolhas que, ao longo desta profissão, eram necessárias tomar, a par das consequências das mesmas: “Questionei-me se, ao apresentaram-me um comunicado escrito por alguém que não assinou o seu nome, e terem-me proposto lê-lo num dos programas de informação como se tivesse sido eu a escrevê-lo, se isso não ia ter consequências, ou pelo menos não afetaria o meu bom senso de ética. Deixar automaticamente de ser chefe de redação por questionar esta mesma ética de trabalho foi uma das consequências, a par da perspetiva de que aprendemos com estes mesmos erros”. Quando questionado sobre o seu posicionamento relativamente aos meios de comunicação regionais, Gualter Ribeiro afirmou não conseguir “prever como será o futuro, mas não será feliz. Existem muitas hipóteses, alternativas, mas até que ponto isso será rentável ou a até mesmo a solução?”

Gualter Ribeiro

Um Futuro que não se antevê risonho

MARIANA GOMES E TIAGO JESUS

“

Existem muitas hipóteses, alternativas, mas até que ponto isso será rentável ou a até mesmo a solução?”



Paixão, dedicação e curiosidade de Francisco Alves Rito

ANA CLÁUDIA NUNES E GONÇALO MARINHEIRO

Diretor do jornal Diário da Região de Setúbal, Francisco Alves Rito começou por ser um simples estudante de Direito, tendo tirado a licenciatura na Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa e, posteriormente, tornou-se mestre em Direito Constitucional. O gosto pela área do jornalismo começou pelo interesse que tinha em ler jornais e, enquanto tirava a sua licenciatura, devido à procura de um trabalho extra, surgiu a oportunidade de estagiar na Rádio Azul e, posteriormente, na rádio Som do Pinhal Novo (atual popular FM). Natural de Estremoz, veio para Setúbal muito novo, tendo ganho um carinho pela cidade. Desde muito cedo começou a participar em projetos relacionados com a região e, quando começou a trabalhar em jornais, o seu percurso passou por todos os postos possíveis – desde colaborador não remunerado, até diretor do jornal da região. Ao fundar seis jornais regionais e tendo sido colaborador do Diário de Notícias e do Público, ganhou experiência na área e tornou-se um ícone. Francisco Alves Rito afirma não possuir qualquer preferência relativamente ao jornalismo impresso e radiofónico, pois “cada área é única” e tem o seu devido valor. Alves Rito é o principal responsável pela fusão entre “O Setubalense” e o “Diário da Região”. O Diário da Região é o único jornal diário em funcionamento no distrito, possuindo uma grande visibilidade e um vasto público, enquanto o Setubalense é o mais antigo do continente. Logo, com estas características, o notável jornalista viu a oportunidade de fundir os dois e originar uma maior potência. Este foi o projeto que maior gratificação proporcionou ao jornalista - também devido ao facto de ser a experiência mais atual - , embora tenha mencionado que todos

os projetos em que participou foram gratificantes à sua forma. Nota que as suas motivações diárias se baseiam no investimento da cidade e no trabalho pelos cidadãos - proporcionando um sentimento de pertença único. Refere que apesar dos objetivos que já foram alcançados, existe ainda muito por concretizar, principalmente por se tratar de pessoa ambiciosa e, portanto, nunca irá sentir por completo o sentimento de dever cumprido. Lamenta a problemática da falta de investimento do Estado relativamente aos media regionais, originando dificuldades financeiras, refletidas na produção jornalística e consequentemente na diminuição da sua qualidade. Sendo uma pessoa crítica e querendo sempre melhorar a nível pessoal, exclui a vaidade da sua personalidade, referindo que nada sentir em específico quando ganhou a “Medalha Grau Ouro” por parte da Câmara Municipal de Palmela, sem deixar de se sentir orgulhoso com o reconhecimento por parte das outras pessoas, até porque foi dos indivíduos mais jovens a atingir esta premiação. Direcionando-se aos jovens numa tentativa de aconselhar e motivar as decisões no percurso profissional, Francisco Alves Rito defende que “o nosso percurso, somos nós que o fazemos”. Logo, temos de ir à procura porque “as oportunidades somos nós que as criamos”, tendo sido estes os lemas postos em prática pelo jornalista, todos os dias. Por fim, dá o exemplo de estudantes de Comunicação Social que não possuem o simples hábito de ler jornais diariamente, o que impossibilita o sucesso na área devido à falta de paixão, dedicação e curiosidade - aspetos fulcrais na profissão.📍



› SAÚDE

› ALIMENTAÇÃO

› DESPORTO

› BOLSAS DE ESTUDO

› ALOJAMENTO

**SAS/IPS
FAZBEM**

www.ips.pt
geral@sas.ips.pt



Em Foco

com Flávio Andrade

CAROLINA LUZ E JOANA SENA

Flávio Andrade, fotógrafo, jornalista e formador no Cenjor, afirma que o seu gosto pela fotografia surgiu enquanto frequentava o segundo ciclo: “Tive um ótimo professor de desenho que me mostrou um laboratório analógico e foi aí que me apaixonei”. A fotografia surgiu como uma consequência da pintura, gosto que adquiriu quando era muito novo, tendo até chegado a considerar frequentar a licenciatura em Belas Artes. Andrade reconhece que a sua infância na Moita foi sobretudo criativa, e desde cedo começou a fazer os seus próprios brinquedos: “Não havia internet, os meus pais não me davam os brinquedos que os meus amigos tinham e, por isso, aprendi a mexer em muitos materiais. O curioso é que os meus amigos gostavam mais dos meus brinquedos do que dos deles porque eram únicos”. Aos 18 anos, “ainda praticamente sem ter câmara fotográfica”, Flávio Andrade decide comprar o seu primeiro estúdio de fotografia, afirmando que o que mais gostava de fazer era fotografar sobre os seus próprios conceitos, algo que faz atualmente. Exemplo disso

é a sua mais recente exposição “Não vejo um boi”, realizada em conjunto com Cristina H. Melo, que procura questionar o conceito de ver ou não ver. Esta ideia surgiu enquanto conduzia num dia de nevoeiro: “Ia no carro, estava imenso nevoeiro e pensei “epá, não vejo um boi”. Partindo desta expressão arcaica, o fotógrafo fez alguma investigação e decidiu iniciar o projeto com imagens do arquivo. Refere que nem todos os visitantes perceberam o conceito e que, inclusive, comentaram com o autor: “Não estou a perceber isto”, ao que o autor lhes respondeu: “É mesmo esse o objetivo. Não vês um boi, pois não? Ótimo”. Funcionou até de duas formas diferentes - para quem entendia o conceito e para quem não entendia. Considera ser normal o público não compreender o trabalho fotográfico “por ser ou muito específico, fechado ou só para a compreensão de uma elite, ou o espetador não chegar lá do ponto de vista intelectual, cultural, artístico”. O que move o fotógrafo é o que o próprio sente, afirmando ser importante transmiti-lo ao público, mas não essencial: “A arte, no fundo, é a compreensão dos outros em relação ao nosso trabalho. Só com essa compreensão é que justifica de alguma forma o autor criar.” Fotógrafo já há 30 anos, Flávio Andrade é licenciado em Comunicação Social pela Escola Superior de Educação, no Instituto Politécnico de Setúbal. Tendo ingressado no curso dois anos após a sua existência, sublinha que o seu foco nunca foi ser jornalista, apesar de ter começado a trabalhar na revista Semmais em Setúbal. Foi fotógrafo em vários jornais nacionais, assistente no Cenjor durante algum tempo e, depois, esteve durante 10 anos a dar aulas de teoria e prática de fotografia na Universidade Católica. Mais tarde, começou a dar formação no Cenjor onde ainda hoje se mantém. Em paralelo, faz o trabalho autoral como fotógrafo contando já com várias exposições como foi o caso de “Just a little light” (Coimbra), “Não vejo um Boi” (Setúbal) e “The city on my mind or the fear of my sky” (Setúbal e Alcobaça). Flávio Andrade projeta um dia juntar as suas duas paixões - pintura e fotografia - e criar um novo conceito que conquiste o público como aconteceu nas suas anteriores exposições. 📍

“

Tive um
ótimo
professor de
desenho que
me mostrou um
laboratório
analógico, e
foi aí que me
apaixonei.

Fernando Sem Fitas

MELÍCIA FRANCISCO E NADINE CONTADOR

“

Permite-nos ter um conhecimento do que era a realidade sociológica do concelho naquela época.

“**P**ermite-nos ter um conhecimento do que era a realidade sociológica do concelho naquela época.” Foi no ano de 1997 que, em parceria com a Câmara Municipal do Seixal, Fernando Fitas começou o projeto que visava recolher a memória, vivências e acontecimentos da vida das coletividades do Seixal, com o objetivo de aferir as transformações operadas no tecido social e na comunidade seixalense. Apesar da maioria das pessoas que fizeram parte dessas coletividades já não estar presente, eram detentoras de testemunhos importantes, sendo necessário salvaguardar o seu passado: “Eram acontecimentos, memórias e histórias que se perdiam com a morte das pessoas”. Fitas acrescenta que estas recordações de carácter histórico foram dificultadas pelo regime ditatorial. Por vezes, as forças políticas predominantes que apoiavam determinado meio de comunicação, faziam-no – geralmente – com o intuito de colher dividendos. Esta foi uma situação que ocorreu quando trabalhava no Outra Banda. A informação reportada pelo jornal incomodava as forças políticas da época e, por isso, a Câmara do Seixal vetou publicitariamente o jornal “para tentar estrangular financeiramente a viabilidade do projeto”. Os media locais têm um conjunto de dificuldades acrescidas em comparação com os de carácter nacional. Para combater

a falta de apoio prestado e acabar com a falta de interesse por parte do público relativamente aos conteúdos produzidos pelos media locais, é necessário que detenham credibilidade e qualidade na informação que prestam: “Normalmente as coisas que são defeituosas, o público não pega. As coisas onde se sobressaia o amadorismo, o público não fica cativado”. Com o aparecimento da internet e das redes sociais, a maioria do público – principalmente o mais jovem – recorre a estes meios para recolher informação, o que também pode contribuir para a iliteracia. Para o jornalista, a rádio ainda detém um papel relevante na sociedade, mas acredita também que o erro dos media locais foi tentar imitar os nacionais – o que representa uma dificuldade, já que não conseguem competir, dada a falta de meios (nomeadamente os humanos). Estes não devem limitar-se apenas em relatar o que já se encontra presente nas redes sociais, mas documentar e prestar informação mais credível aos leitores. “Permitiu conhecer uma realidade – aquilo que os jovens imaginam que a profissão é”, afirma Fernando Fitas. O jornalista acredita que é importante acabar com a imagem que alguns erradamente tentam impingir aos jovens relativamente ao jornalismo e às dificuldades que se colocam no exercício da profissão.◊



Vida Sonhada Vida Vivida

ANA TOMÉ E DAVID SIMÕES



Fátima Brinca pensou em tirar a própria vida quando, além de ter sido presa, foi maltratada por uma guarda que a obrigou a despir-se e pela diretora da prisão que fingiu não a conhecer: “Ainda hoje não consigo ver filmes de prisões”. É desta forma que Fátima Brinca resume a sua experiência na prisão, fruto de uma troca de moradas que a levou a faltar a uma audiência em tribunal por três vezes: “Foram os polícias a quem eu pagava o pequeno-almoço todos os dias que me prenderam. Viam-me todos os dias e não me avisaram da audiência”. Seguiram-se horas de angústia, nas quais não consegui contactar o seu advogado. Foi levada para Tires, onde há pouco tempo havia feito uma reportagem sobre as prisioneiras mães. Nesse sentido, tinha conhecimentos dentro da prisão e foi isso que lhe valeu. Uma das presas, que já lá estava há sete anos por tráfico de droga, conseguiu fazer com que Fátima Brinca fosse colocada na sua cela. Mas, até esse momento, a jornalista viveu um pequeno inferno, chegando mesmo a partir as barras da cama com o desespero provocado pelo terror dos maus tratos a que foi sujeita à chegada.

O 25 de abril é sinónimo de liberdade, mas foi em novembro de 1974 que Fátima Brinca viu o seu local de trabalho a ser invadido por homens armados com a missão de a levarem para a cadeia. Nesse dia valeram-lhe os colegas, que se puseram entre ela e as armas e informaram os militares que, para a levarem, teriam de os matar. A intervenção do patrão garantiu-lhe a possibilidade de se apresentar mais tarde com o advogado da

“

Ainda hoje
não consigo ver
filmes de
prisões.

empresa. E assim o fez. A falta de celas femininas impossibilitou a sua permanência no quartel e o advogado assumiu a responsabilidade de fazer com que se apresentasse todas as manhãs. Para Fátima Brinca a profissão de jornalista não é um mar de rosas: “Quando eu comecei, os jornalistas não ganhavam nada”. Conta que acumulou funções enquanto jornalista e enquanto empregada de escritório na empresa a utomóvel Movauto, uma vez que o jornalismo era feito pro bono e pela paixão pelo ofício. Fátima Brinca mostra-se um tanto revoltada com a perda do rigor no mundo do jornalismo e com o aparecimento de pessoas que não deviam, segundo a própria, ser consideradas jornalistas. “Um jornalista trabalha em qualquer lado e com qualquer assunto. Desde que seja profissional. Porque há quem ande por aí a brincar aos jornalistas, fingindo ser jornalista quando não o é. Ou pior ainda, quando têm Carteira Profissional ganha sabe-se lá como”. Todas as histórias que viveu ao longo da sua vida levaram-na a lançar a obra *Vida parida, Vida sofrida*. O livro resulta de um conjunto de crónicas sobre histórias de vida da jornalista de 70 anos: “São histórias da minha vida, desde a infância, as dificuldades, os desafios, a minha família, o 25 de Abril, as lutas laborais da antiga Movauto, etc...” Quanto às futuras gerações de jornalistas e evidenciando as dificuldades da profissão, Fátima Brinca deixa um conselho: “Não sejam jornalistas”.

Etelvina Baía

1962-2017



Sendo um dos rostos mais importantes do jornalismo no distrito, Etelvina Baía contava com um percurso profissional extenso, trabalhou em redações como a “Rádio Voz de Setúbal” e “Rádio Azul”. Esteve presente no surgimento de um dos primeiros jornais online “Setúbal na Rede” que chegou a receber o prémio “Gazeta da Imprensa Regional”, em 1999. Trabalhou como jornalista no início do “Semmais Jornal”, chefiou a redação do “Correio de Setúbal” e de projetos relacionados ao grupo de comunicação social Sado2000. Mais recentemente, chegou a integrar como coordenadora o projeto da Setupress e participou ainda no O Seixalense e no ZoomOnline. Adicionalmente, a partir de 2016, passou a ocupar o cargo de coordenadora no jornal O Setubalense, função que desempenhou até falecer. Etelvina Baía foi uma das jornalistas mais importantes no distrito de Setúbal. Faleceu a 29 abril de 2017 deixando uma longa carreira no jornalismo. Foram várias as homenagens publicadas, dentro das quais se destacaram a do Semmais Jornal e do O Setubalense, onde colegas de profissão e amigos deixaram o seu testemunho e manifestaram com grande pesar o falecimento inesperado da jornalista, que decorreu de uma doença súbita. Adjetivos como “rigorosa”, “lutadora pelos projetos”, “determinada”, “boa colega e amiga” ressaltaram na edição de quarta-feira, 3 de maio de 2017, que ficou marcada pela homenagem à jornalista. Dentro desta redação era conhecida e tratada por alguns colegas pelo nome de “Adrenalina”, por ser isso mesmo, um “poço de energia” e por trabalhar a um ritmo frenético. De certo que passados dois anos desta edição a sensação de perda ainda é grande e que a marca de Etelvina Baía permanece em cada projeto que pensou, em cada notícia que escreveu e em todos os colegas e amigos com quem partilhava as amarguras e felicidades do seu percurso. 📍

“

Nas nossas memórias, ficará a sua singular gargalhada, a forma carinhosa como falava de e com o companheiro e o orgulho que exibia na filha.
O Setubalense

“

Como jornalista Etelvina era como um gancho. Galgava, rompia, para melhor angular a sua peça, sorvia a matéria, sofria com ela e besuntava-a, já de teclado em riste, com aquela baforada dos cigarros em linha contínua.

Raúl Tavares

“

A coordenadora do jornal “O Setubalense” deixa na memória de todos o trabalho de “uma jornalista que, durante toda a sua vida profissional, escreveu sobre a sua cidade e o seu concelho”.

C.M de Setúbal

“

Era uma grande mulher, com uma força singular, excelente profissional e um grande amor pela filha.

Eugénio Fonseca

David Pereira

Escritamente apaixonado

MARIANA GOMES E TIAGO JESUS

Autodidata na escrita, um verdadeiro lutador e ansioso por aprender mais, eis David Pereira, atual jornalista do Diário de Notícias. Licenciado em Comunicação Social pela Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal (2014), mostra ser um verdadeiro caso de sucesso, graças às batalhas que teve de enfrentar ao longo do seu percurso no jornalismo. A paixão pelo desporto é de nascença e, com o passar dos anos, após praticar alguns desportos (luta greco-romana e futebol), percebeu que não havia sido talhado para os praticar, mas sim para escrever sobre eles. “Desde que tenho acesso à internet, sempre criei blogs onde escrevia artigos sobre os desportos que mais gostava de observar e também praticar”. A paixão pelo desporto era algo que David Pereira não conseguia expressar de forma falada, encontrando por isso na escrita a melhor maneira de o fazer. Pereira não escrevia só por lazer, pois via na sua escrita uma forma de mostrar as suas capacidades. Foi através das suas publicações que surgiu a oportunidade de escrever para o jornal da sua região, o “Jornal Barreiro”. Aí deu os seus primeiros passos, que serviram como aprendizagem para aquilo que viria a praticar de forma profissional anos mais tarde. Na reta final do seu percurso académico teve de tomar a decisão para onde iria estagiar. Esteve muito perto de ingressar no jornal “Público”, mas percebeu que não iria ser feliz, e como tal, pediu aos seus tutores para tentarem arranjar um estágio num jornal desportivo, em que pudesse estar mais dentro da sua área e escrever sobre os temas que mais lhe agradam. A sorte esteve do seu lado e acabou mesmo por ingressar no estágio do diário desportivo “A Bola”, tendo sido a oportunidade a que Pereira se refere como um “casamento perfeito”, uma vez que conseguiu

juntar as suas duas maiores paixões numa só. A 3 meses juntou um ano e meio dentro da secção de desporto internacional da redação, no qual teve as suas primeiras aprendizagens, as primeiras entrevistas “a sério”, e em que aprendeu bastante, muito graças aos “mestres” que o acompanharam. Grandes nomes como Fernando Urbano, que David Pereira descreve como “um homem que queria estar sempre um passo à frente”, e Paulo Cunha que o ajudou na adaptação à vida profissional, foram fulcrais no crescimento do seu “eu jornalístico”. A sua experiência no jornal “A Bola” termina após o convite da chefia editorial do jornal “Setubalense” (2016) para fazer parte da redação do jornal, no qual começou a dirigir a secção do desporto. Foi neste que sentiu verdadeiramente o “sacrifício, as horas despendidas e, sobretudo, o “vestir a camisola” no que toca a cobrir acontecimentos de teor regional e a dar o seu devido valor aos mesmos. Considerando que foi dos trabalhos que mais lhe proporcionou experiência de campo, sente que algo tem de mudar relativamente aos meios regionais: “Sejam pessoas da Moita, de Setúbal ou do Barreiro, elas procuram notícias sobre a sua terra, e existe uma grande limitação em obtê-la”. Segundo Pereira, “é urgente apostar no online”. O atual jornalista do Diário de Notícias não se cansa de dar ênfase à importância da internet para o crescimento dos media regionais, pois o seu futuro tem de passar pela aposta nas novas plataformas, que vão surgindo com mais força. Um futuro que este jovem espera que seja diferente e que possa elevar a importância dos media regionais para outro patamar mas, acima de tudo, chegar a um maior número de pessoas e informar da melhor forma, não só a população da região, mas também todo o país.

Cristina Patacas



É mais aquilo que nos une do que nos separa

Uma figura de dinamismo no Politécnico

MARIANA GOMES E TIAGO JESUS

Natural do Alto Alentejo, Portalegre, Cristina Patacas veio viver para Setúbal aos 18 anos - para crescer não só do ponto vista académico, mas também enquanto pessoa -, e deixou-se apaixonar pelos encantos desta cidade à beira rio. Atual coordenadora do Gabinete de Imagem e Comunicação do Instituto Politécnico de Setúbal, estreou a abertura do curso de Comunicação Social. Apesar de chegar um pouco “sem saber o que fazer”, o seu objetivo era experimentar todas as áreas da comunicação e decidir qual a que iria ingressar profissionalmente. Realizou estágios desde o primeiro ano do seu bacharelato, primeiramente em Relações Públicas, depois Jornalismo e Marketing. Recorda que uma das principais questões dos estudantes de Comunicação Social à época era o que poderiam fazer após o término dos estudos, e que a coordenadora de curso, Regina Marques, afirmava algo que Cristina Patacas mantém na sua memória: “Não se esqueçam que uma licenciatura é só uma licença para aprenderem a estudar sozinhos”. Nos dois anos de licenciatura, que atualmente equivalem ao mestrado, conseguiu consolidar e descobrir qual a área que gostava mais: comunicação cultural. Mais tarde, tirou uma pós-graduação na área do protocolo, que diz ter “tudo a ver com esta parte prática, que eu adoro trabalhar”. Entrando no estágio em janeiro de 2000 para o Politécnico, desempenhando a função de organizadora de eventos e mestre-de-cerimónias desde então, Patacas nota que foi a prática do estágio que a levou a tirar uma pós-graduação em protocolo: “Lembro-me de pensar: “A pessoa mais importante fala em último lugar. As bandeiras organizam-se desta forma, mas porque é que se organizam assim? Foi aí que surgiu a questão da formação na área do protocolo”. Ora, durante um dos eventos que Cristina Patacas viria a desempenhar o papel de mestre de cerimónia na entrega de cartas de curso - pela primeira vez -, junto ao emblemático sobreiro do Campus da ESE. No entanto, recorda o momento aflitivo pelo qual passou: na véspera do evento, enquanto organizava os últimos retoques, feriu-se gravemente no dedo, não podendo realizar a cerimónia e, por isso, foi substituída. Ainda assim, afirma que este episódio “surge não só como um lembrete em ter cuidado com as portas da ESE, como também de que os planos nem sempre correm como esperamos, mas existem sempre outras soluções”. A entrevistada confessa ter uma relação afetiva com a escola e com as pessoas que a constituem desde que lá trabalha (há 19 anos): “É bom trabalhar neste âmbito académico que gosto tanto, (...) conhecer novas caras, novos alunos que de ano para ano são todos diferentes, mas que trazem consigo novos desafios e ideias. A área da comunicação é uma área que tem que estar sempre em evolução, pois está sempre a atualizar-se ou a mudar. Temos que estar atentos, aceitar desafios e evoluir, procurando saber sempre mais e mostrá-lo.” Conta que o maior desafio foi assumir a coordenação do gabinete em 2011, porque para além de coordenar os seus próprios objetivos e auto motivação, existe a responsabilidade de satisfazer e motivar o resto da equipa com quem trabalha, tendo em vista o equilíbrio, a aprendizagem em trabalhar com as pessoas e conhecer as suas potencialidades: “Continua a ser mais aquilo que me une do que me separa do IPS. Para além de sentir um grande orgulho na instituição, pretendo contribuir para que os próximos jovens que surjam tenham o mesmo tipo de oportunidades que eu tive, quaisquer que sejam os desafios a alcançar”.



Um católico ao serviço do bem comum

Cláudio Anaia: entre a política, a religião e o jornalismo

ANA TOMÉ E DAVID SIMÕES

Cláudio Anaia conta que chegou a ser abordado na rua por uma senhora que recortou um dos seus artigos, prendeu ao frigorífico com um íman e afirma que aquele pedacinho de papel a ajuda todos os dias. São episódios como este que dão ao jornalista a certeza de que nasceu com “a vocação para ajudar os necessitados”. Ao longo do seu trajeto enquanto jornalista, tem primado pela frontalidade e por querer ir às raízes das questões mais polémicas, que marcam a agenda no nosso país. Por isso mesmo, descreve-se como alguém que representa uma ameaça para grandes líderes políticos: “Não gostam de mim certamente devido à minha frontalidade e talvez ao meu estilo, por querer debater assuntos que para eles podem perfeitamente ficar para segundo plano”. Vive as suas causas consoante os seus ideais religiosos, que tem bastante vincados na sua personalidade e, conseqüentemente, na sua postura política e social. Define-se como um católico de gema que tem como grande missão neste mundo estar ao serviço da comunidade: “Desde jovem que o meu papel no catolicismo foi estar ao serviço dos mais pobres e da comunidade. Gosto de ajudar quem mais necessita e prezo bastante os ideais católicos”. Não é, assim, surpreendente que assuntos como a legalização do aborto ou o casamento homossexual o tenham atirado para o centro das discussões e o tenham envolvido em polémica. É um homem que gosta de

estar sempre a aprender com os outros e que, principalmente, pensa pela sua cabeça: “Digo o que tenho a dizer sem qualquer tipo de medo. Sei que por vezes a minha sinceridade traz-me chatices mas convivo bem com isso”. Cláudio Anaia apresenta como cartão de visita experiências na rádio, no jornalismo, na música e no desporto, tendo feito assessoria de imprensa nestas últimas duas áreas, além de ter conquistado inúmeros troféus e medalhas enquanto praticante de ténis de mesa. Na imprensa regional, destaca o facto de ser o colaborador mais antigo do Diário da Região e de ter feito parte, desde muito cedo, do projeto do primeiro jornal online do país, o Setúbal na Rede. É também o colaborador mais antigo do Jornal Audiência, dos Açores, e escreve artigos para o Jornal Sol Português, sediado no Canadá. Realça o maior impacto que o jornal regional pode ter no dia-a-dia e na vida de um cidadão comparativamente aos grandes jornais nacionais: “Vocês podem fazer uma experiência. Tomem atenção e vejam que jornal vão ler com mais atenção - se será um jornal nacional ou um jornal da vossa região. É claro que será o da vossa terra”. De resto, Cláudio Anaia sente que a imprensa regional tem um importante papel na união da população, manifestando alguma preocupação quanto ao rumo que está a tomar, muito devido à falta de apoios e de procura. No entanto, é com esperança que olha para o futuro, sentindo que há potencial para o crescimento.



#DoIPSParaOMundo
**PERDE A ROTINA
GANHA O MUNDO**

Programas
**ERASMUS+ e SANTANDER
UNIVERSIDADES**

CANDIDATURAS 2.º Semestre 2019/2020

CANDIDATA-TE
até 31 DE MAIO

Jornalismo aliado com Machismo... é Terrorismo!

Cláudia Aldegalega: A superação em prol da discriminação

ANA TOMÉ E DAVID SIMÕES

Infelizmente, a violência contra as mulheres está presente na sociedade e regista uma expressão significativa, não só no ambiente doméstico mas, por vezes, também no seio profissional. Cláudia Aldegalega, atual diretora do jornal do Pinhal Novo, relata que viveu um dos episódios mais difíceis durante o trilhar da profissão de jornalista. Marcando presença num jogo de futebol regional com o objetivo de conseguir dados para a elaboração de uma peça jornalística, Aldegalega foi alvo de machismo por parte de um dos adeptos que estava na bancada, tendo sido assediada e agredida: “Olhou para mim, perguntou-me o que estava ali a fazer e insultou-me por diversas vezes. Pedi-lhe que se acalmasse, não o fez e até me agrediu com uma chapada. Ainda existem mentes retrógradadas que pensam que o futebol é só para homens.” Na localidade do Pinhal Novo, situada no concelho de Palmela, o jornal da região – destaca a diretora – é importante enquanto pilar na comunidade, tanto na identidade da população como da região. Relata que se a publicação não é lançada na data estipulada, a comunidade estranha imediatamente a sua ausência: “Assim que me vêm na rua interrogam-me sobre o porquê de ainda não terem o jornal na sua posse. É um momento que me deixa orgulhosa de um trabalho que não é só meu, mas de toda uma equipa que trabalha para um bem coletivo. Nesses momentos, sinto que estou perante uma sociedade que tem a necessidade de sentir-se informada acerca do dia-a-dia da localidade, e é um motivo para todos os dias me levantar e querer fazer jornalismo.” Na opinião de Aldegalega, os média regionais encontram-se num estado deficitário na maior parte dos concelhos do distrito de Setúbal, manifestando um sentimento de profunda tristeza pela sua condição atual, sobretudo por ter feito parte da equipa de fundadores do projeto Setúbal TV. Conta que foi o projeto em que mais adquiriu competências para o trilhar do seu percurso profissional, não só pelas suas temáticas, como também pelos profissionais com

os quais lidou, destacando Luís Mestre: “Foi um projeto que me deu uma satisfação enorme em realizá-lo. Sinto que faltam mais na região, é importante dar voz a quem a tem, à população, à região, as suas virtudes e defeitos. Aprendi muito com o Luís, foi como um professor do jornalismo.” No momento atual, sente-se bem no papel que ocupa no jornal, mas a passagem pelas diversas rádios deixou um sentimento de nostalgia e desejo em voltar ao meio radiofónico. Descreve que é um órgão muito importante para os recém-chegados à profissão, pois permite que as pessoas mais tímidas se desinibam, “aprende-se a colocar a voz e, apesar do público não ser visível, cria-se uma relação de fraternidade muito grande.”

“

Assim que me vêm
na rua
interrogam-me o
porquê de ainda
não
terem o jornal na
sua posse.

A NOVA ERA DIGITAL

aos olhos de
Catarina Rodrigues



Catarina Sofia Lourenço Rodrigues, doutorada em Ciências da Comunicação, é Docente Auxiliar Convidada do Departamento de Comunicação e Artes e Investigadora do LabCom.IFP da Universidade da Beira Interior, na Covilhã. Dedicar-se, sobretudo, à investigação das áreas do jornalismo e novos media.

Faz parte do conselho científico de várias revistas conceituadas. Quais são as razões que o motivam a fazer parte da organização deste tipo de meio de comunicação social?

Sim, foi a minha primeira opção por gostar muito de

jornalismo, sobretudo da imprensa.

De que forma considera que a imprensa - nacional e local - influencia e estrutura uma sociedade?

Em vez de falar da imprensa nacional ou local, que como é óbvio têm especificidades próprias, talvez seja importante lembrar o papel fundamental do jornalismo na sociedade. Há desafios que não podemos ignorar, como os problemas financeiros, a diminuição de profissionais nas redações, a evolução tecnológica, a abundância informativa e até as mudanças verificadas na relação com o público. Ao contrário do que possa parecer, este cenário onde todos podem facilmente publicar e difundir informação e onde, consequentemente, há muito ruído e desinformação, só vem reforçar a importância da atividade jornalística,

das normas, das regras e dos princípios básicos que a norteiam.

Na obra “Jornalismo Móvel: Linguagem, géneros e modelos de negócio” (2017) é abordada a função dos dispositivos móveis na prática jornalística. Deste modo, como são recebidos os conteúdos informativos através de dispositivos móveis?

Nos últimos anos, o consumo de conteúdos informativos através dos dispositivos móveis não tem parado de crescer. No sentido de analisar as diferentes transformações que essa realidade implica, não só no consumo, mas também na produção noticiosa, o livro procura explorar diferentes ângulos de abordagem fundamentais para compreender os desafios que a mobilidade representa e, nesse sentido, está estruturado em quatro partes: a questão dos modelos de negócio, a relação entre as

redes sociais e o jornalismo, as novas linguagens e os novos formatos jornalísticos e a importância do audiovisual nos dispositivos móveis. Pela importância que os telemóveis têm nas nossas vidas em geral e no jornalismo em particular, o estudo da relação entre estes temas é fundamental, e constitui uma área de investigação importante do LabCom.IFP (Universidade da Beira Interior) que tem sido dinamizada pelo professor João Canavilhas e que faz todo o sentido continuar a explorar. **O online trata, muitas vezes, as notícias de forma superficial e sem objetividade. Como se devem definir os limites do jornalismo quando nos deparamos com o contexto da web?**

Sem dúvida que muitas notícias publicadas e difundidas na web são superficiais e carecem de contextualização e aprofundamento,

mas não me parece que devam falar em limites do jornalismo. Devemos sim considerar que, em grande parte das vezes, e por diversos motivos, ainda não são exploradas devidamente diferentes ferramentas e linguagens que permitiriam enriquecer a informação considerando as especificidades deste meio. Temos bons exemplos, mas ainda há um longo caminho a percorrer.

No artigo “O cidadão como produtor de informação: estudo de caso na imprensa online portuguesa” (2012) é abordado o denominado “jornalismo cidadão”. Quais considera serem os perigos desta prática? Nem todos podem ser jornalistas. Nem todos querem sê-lo. É interessante observar novas dinâmicas entre jornalistas e públicos. Isso passa por diferentes formas de interação, participação e

partilha. Claro que a possibilidade de mais pessoas poderem, de forma simples, não só consumir, mas produzir informação, aumenta também o ruído e a desinformação. É neste contexto que importa sublinhar o papel do jornalismo, nomeadamente no que diz respeito à disciplina de verificação, confirmação dos factos, contraste de fontes, entre outros critérios elementares aos quais os cidadãos não estão obrigados e isso faz toda a diferença. Só seguindo estas práticas é possível assegurar a credibilidade das notícias. Contudo, importa também dizer que os cidadãos podem ter um contributo muito interessante ao nível da

**Doutorada em Ciências da Comunicação
Universidade da Beira Interior, Covilhã**

“**NEM TODOS PODEM SER JORNALISTAS.
NEM TODOS QUEREM SÊ-LO.**”

participação no processo noticioso e temos tido bons exemplos disso.

De que forma a ubiquidade do ecrã transforma o jornalismo?

Os ecrãs assumem grande importância nas nossas vidas, basta pensarmos no ecrã do nosso telemóvel e no número de horas que passamos a olhar para ele. No contexto atual marcado pela mobilidade e portabilidade, tem-se verificado um aumento do número de acessos a notícias precisamente através destes dispositivos. Claro que há todo um trabalho a fazer, desde logo, ao nível da adaptação da linguagem jornalística para a leitura em diferentes tipos de ecrãs, que até por características físicas têm especificidades e exigências próprias.

De que modo se deverá travar a desinformação?

É muito difícil travar a desinformação. Ela sempre existiu, assim como as mentiras e as notícias fabricadas, a grande diferença é a velocidade com que hoje tudo se propaga. Vivemos tempos acelerados onde predomina o imediatismo, o que no caso da desinformação pode ter efeitos perversos. Os meios de comunicação, pela sua responsabilidade profissional e social, têm um papel acrescido, mas todos nós, cidadãos devemos ter um olhar crítico em relação à informação, à forma como é construída, sustentada e como nos é apresentada. A literacia mediática deveria merecer mais atenção e esse trabalho pode e deve começar em cada um de nós.

Qual a sua visão sobre a comunicação social na atualidade?



VIVEMOS
TEMPOS
ACELERADOS
ONDE
PREDOMINA O
IMEDIATISMO,
O QUE NO
CASO DA
DESINFORMAÇÃO
PODE TER
EFEITOS
PERVERSOS.

A comunicação social atravessa diversos problemas. Não podemos esquecer que a profissão não é desenvolvida, muitas vezes nas melhores condições, o que acaba por ter repercussões no produto final

apresentado. Sem dúvida que os jornalistas estão hoje sujeitos a um maior escrutínio. Isso é importante. Todos devemos ser exigentes em relação à qualidade da informação que nos chega.

Considera-se que uma fatia significativa dos jornais regionais/locais se rege apenas pelo impresso e possui uma periodicidade alargada. Uma vez que pertencemos a uma sociedade caracterizada pela instantaneidade e imediatismo, de que forma a mudança de paradigma e consequente passagem para o online seria benéfico para a população local?

Os media regionais e locais têm características próprias. Determinados meios de comunicação social desempenharam um papel importantíssimo na história do jornalismo em Portugal (veja-se o caso do Jornal do Fundão, na Beira Interior). Alguns conseguiram adaptar-se à Web e exploraram novos caminhos e novas linguagens, outros, por diferentes motivos, tiveram mais dificuldades nesta adaptação. Considerando as tendências das novas gerações, nomeadamente em relação aos hábitos de leitura (mas não só), é uma adaptação que não pode ser contornada e obrigatoriamente terá de ser feita, sem esquecer que os media regionais e locais têm no conceito de proximidade a sua maior valia. Tendo em conta esta e outras preocupações, o projeto de investigação Remedia.Lab em desenvolvimento na Universidade da Beira Interior, com coordenação do professor João Carlos Correia, procurará avaliar a situação dos media regionais, propor estratégias para o futuro e incubar iniciativas editoriais.

ENSINO SUPERIOR PÚBLICO

POLITÉCNICO
DE SETÚBAL

Avança para
o próximo nível

MES
TRA
DOS

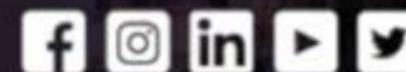
ENGENHARIA E TECNOLOGIA

CIÊNCIAS EMPRESARIAIS

ENSINO E EDUCAÇÃO

SAÚDE

ou segue um caminho diferente
com uma das nossas 10 pós-graduações



“Sabemos como entramos, mas nunca quando saímos”



Jornalismo Mudo com Carolina Bico

MARIANA GOMES E TIAGO JESUS

O entrevistado era D. Manuel Clemente, Cardeal Patriarca de Lisboa. No final da sua missa, a ideia da jornalista era entrevistá-lo e questioná-lo sobre a sua posição relativamente ao aborto, pois seria o tema que iria abrir o noticiário nesse dia. A entrevista correu como havia sido delineada e foram tiradas algumas notas para se juntar à gravação. O facto de tudo ter corrido tão bem parecia bom demais, mas a perfeição não existe e, como tal, foi encontrado um entrave: a entrevista não tinha ficado gravada e, por isso, não havia testemunho para apresentar no noticiário da rádio. Foi uma situação aflitiva para a jornalista, uma vez que a rádio vive de som, e não só da palavra sem o depoimento. Mas o pânico passou com a compreensão do editor em relação à situação. Este deu total confiança nas notas apontadas pela jornalista e decidiu que a notícia podia ser apresentada ainda assim. A protagonista desta estória? A jovem jornalista Carolina Bico, que decidiu seguir o sonho de fazer jornalismo. Com 24 anos, assume atualmente uma figura fulcral na redação de um dos projetos regionais mais recentes sobre a sua terra, *New in Setúbal*. O gosto pela escrita começou desde cedo, e foi sendo alimentado durante o seu percurso escolar, como no Jornal Sem Nome da sua antiga escola secundária, onde desempenhava o papel de redatora. O interesse pela escrita foi o ponto-chave para a escolha do curso de Ciências de Comunicação na FCSH/NOVA, focando-se na vertente de jornalismo. Mas, para Carolina Bico, era necessário criar mais bagagem e trabalho de campo. Desta forma, realizou uma pós-graduação em Jornalismo Multiplataforma, para obter uma noção e preparação para o mundo real do jornalismo, já que era essa a vertente que o estágio integrado oferecia. Os estágios foram vários, mas o que possibilitou Carolina Bico de conhecer melhor as áreas do jornalismo de imprensa, radiofónico e televisivo foram os do grupo Impresa. Estas experiências enriquecedoras foram a rampa de lançamento na sua carreira profissional. A sua primeira experiência fora do estágio foi no Diário da Região Setubalense, onde trabalhou como freelancer e aprofundou os seus conhecimentos sobre política local, conseguindo também estabelecer importantes contactos que mantém até hoje. Carolina Bico continuou em busca de novos projetos e oportunidades, e sem estar à espera, muito menos no dia do seu aniversário, surgiu uma proposta de trabalho que

ficou marcada como a melhor prenda que podia receber. A proposta - aceite com a maior das felicidades - tratava-se *New in Setúbal*, um meio de comunicação ligado ao *lifestyle*, cultura e lazer. O desafio foi grande - uma vez que a experiência na área era nula -, porém a rapidez na aprendizagem e a força de vontade superaram as dificuldades iniciais e, neste momento, adora o que faz. Ao mesmo tempo, consegue ainda colaborar para a *Setúbal Revista*. A opinião da jornalista sobre a situação atual dos media regionais está fortemente vincada. Para Carolina Bico “a situação não é fácil, os recursos materiais e humanos são escassos. Muitas das vezes, os jornais têm de se sujeitar a alguns artigos patrocinados que, a meu ver, não contribuem para uma informação isenta e rigorosa.” Para a jornalista, o futuro só poderá ser diferente se o passado for deixado para trás. É da opinião que as apostas devem ser feitas nos jovens jornalistas e dar-lhes oportunidades para que tragam ideias novas e, quem sabe, até rejuvenescer as redações. 📍

“

Muitas das vezes os jornais têm de se sujeitar a alguns artigos patrocinados que a meu ver não contribuem para uma informação isenta e rigorosa.

Carmelo Garitaonandia

E o benefício económico no jornalismo

Carmelo Garitaonandia é professor da Universidade do País Basco e foi vice-reitor da mesma por um período de 8 anos (2009-2017). Além de escrever diversos artigos relacionados com a história da comunicação e da televisão – regional e digital –, durante os últimos 20 anos tem-se focado em temáticas como as tecnologias de informação e comunicação e a sua influência na infância e juventude.

Com um CV tão extenso na área da Comunicação, de que forma surgiu a licenciatura em Direito e o doutoramento em Ciência Política?

Quando comecei na área da Ciência Política, estávamos perante a ditadura de Franco, num contexto em que existiam apenas 3 escolas de jornalismo: uma delas pertencia ao regime e as outras duas eram privadas – localizadas em Navarra e Barcelona. A verdade é que as alternativas não me atraíram e escolhi a única alternativa possível: estudar Ciências Sociais e Humanas. Depois de ter iniciado a minha carreira, abri o

primeiro corpo docente de jornalismo em Madrid. Continuei com os meus estudos e, posteriormente, fui fazer um bacharelato em Comunicação Audiovisual na Universidade de Paris. No que diz respeito à Ciência Política, obtive o meu doutoramento através da tese que realizei, focada no federalismo e autogestão dos média na Jugoslávia - modelo totalmente diferente do atual. Não era um modelo capitalista ou de mercado, nem um modelo de gestão estatal centralizada.

Considera que o jornalismo está a caminhar para uma

direção certa ou poderia, eventualmente, de algum modo, ser modificado? Ao sair de uma ditadura, os média desfrutaram de uma liberdade totalmente diferente da atual. Naquela época, gozavam a liberdade que tinham acabado de conquistar, sendo que estavam, por isso, a viver um momento de euforia, que se foi perdendo com o tempo. Atualmente, o que prevalece em muitos média é o benefício económico, causado pelo contexto social atual. Anteriormente, havia uma maior preocupação na verificação dos factos, agora o benefício económico é o mais importante.



Nos últimos anos, houve um aumento significativo da informação a nível global. No entanto, em vez das notícias serem mais variadas, estão a tornar-se mais semelhantes. Qual a sua opinião?

Das 15 páginas *web* mais visitadas, nenhuma delas é caracterizada por fazer jornalismo gratuito. Eu coloco, muitas vezes, a música “57 channels”, de Bruce Springsteen para os meus alunos ouvirem porque resume perfeitamente esta situação. No final, a internet oferece oportunidades a todos, todos podem criar o seu site, o seu blogs. Porém, o que visitamos são estas 15 páginas *web*, e entre estas 15, não há nenhuma que se caracterize por tornar o jornalismo mais livre. As páginas gratuitas têm muito menos visitas. A *Internet* oferece uma oportunidade para todos, mas é muito difícil encontrar páginas de qualidade devido ao tamanho da rede. Desde a queda do Muro de Berlim, existe apenas um mundo - o mundo dos meios de comunicação.

Este cenário poderá traduzir-se numa falta de profissionalismo ao publicar uma história?

No mundo dos média, as empresas estão a crescer. A qualidade das notícias, o código deontológico, a verificação dos factos foram perdidos. Em suma, sim. Eu acho que, em termos gerais, o que conta é o benefício económico, pois há um volume muito maior de notícias, mas de qualidade inferior. Na internet, com o Social AddWord e AdSense, o Google paga dependendo dos cliques. Por isso, as manchetes são muito marcantes e a curiosidade de idiotas como eu e tu, desperta. Nesse aspecto, o jornalismo mudou muito nos últimos anos. Na era da transição, havia cerca de 130

jornais quando, atualmente, se contam 100. No entanto, se se contar as grandes empresas, é notável que existem mais 4 ou 5. Por isso sim, a variedade de notícias está a diminuir. Mesmo assim, não acho que o jornalismo deva assumir a totalidade da responsabilidade, porque nós, enquanto público, temos que assumir a culpa de exigimos cada vez mais o imediatismo - o que leva a que os média publiquem informação “à pressa”.

É professor da Faculdade de Ciências Sociais e Comunicação da UPV há 42 anos. Tendo em conta a situação atual em que o jornalismo se encontra, considera que a preparação dos alunos deve reajustar-se?

A experiência diz-me que é muito difícil preparar os alunos para situações como esta. É muito difícil ensinar - no ensino superior -, as nuances que uma relação de trabalho pode ter numa empresa de comunicação. A faculdade forma os alunos mais em termos de formação cultural, em termos de técnicas jornalísticas, mas acho muito difícil aprender todo o sistema de relações de trabalho na faculdade. Quando se trabalha para um média, tem que se conhecer a sua linha editorial dela e adaptarmo-nos à mesma. Não há espaço para o fracasso. Eu tenho a sorte de viver há muitos anos nos Estados Unidos e de ter estado na Annenberg School, Pennsylvania, onde tivemos a nossa própria televisão e rádio, em permanente transmissão. Eu noto a diferença entre o que os estudantes de Annenberg fizeram e o que nossos alunos fazem, porém não seria o mesmo se o nosso corpo docente tivesse a possibilidade de administrar uma rádio e uma televisão 24 horas por dia. Todos os alunos saíam com muito mais experiência.

ENTREVISTA

ESTEFÂNIA DA COSTA
E PEDRO BEZANILLA

Ao longo da sua carreira, trabalhou em diferentes média e teve que se adaptar aos mesmos. Considera positivo que o jornalista siga diferentes linhas editoriais?

Tive a sorte de, nos média em que trabalhei, poder dedicar-me à publicação de informações sobre pesquisas minhas ou, em outros casos, artigos de opinião. Isso facilitou o meu trabalho porque são secções onde há uma maior liberdade editorial e, em geral, tenho sido livre ao escrever as minhas publicações. Porém, desde que tive que trabalhar profissionalmente com os meios, eu tentava não ter uma linha de publicação completamente oposta à minha forma de pensar. Eu não me vejo a colaborar com o “El Mundo”, “La Razón” ou “ABC”, embora tenha que admitir que possuía a minha própria coluna na segunda página do “El Mundo”, ainda que tenha sido numa época em que este possuía outra linha editorial - mais progressiva.

Para terminar, possui alguma história particularmente interessante que possa partilhar connosco?

Na época em que estava no jornal “Tribuna Vasca”, possuía um espaço para a opinião semanal. Uma vez, fiz um comentário inapropriado, ao afirmar que “as prostitutas vão comprar ao El Corte Inglés”. Eu não tinha provas para fazer essa afirmação, disse-o num tom irónico. Passados alguns dias, o gerente chamou-me e disse-me que o El Corte Inglés tinha retirado a publicidade do meio de comunicação no qual trabalhava devido ao meu comentário.

Retrata o drama humano dessa noite na rua” - mesmo após vários anos, Carla Castelo ainda lembra o maior despejo alguma vez feito em Portugal no ano de 1993, quando dezenas de desalojadas se tratavam de pessoas economicamente desfavorecidas do chamado lar panorâmico. A pedido da SIC, Castelo contou a história da primeira noite em que essas pessoas iam passar ao relento após perderem as suas casas em pleno inverno. Segundo a jornalista, o sucesso dos maiores media nacionais do país - como a SIC -, deveu-se à sua originalidade e a um modelo novo, diferente e inovador de transmitir a informação: “Uma nova forma de fazer televisão”. Através de programas menos informais e mais direcionado aos interesses do público, o canal de televisão conseguiu sobreviver até agora, tornando-se num dos principais órgãos de informação do país: “A SIC foi uma lufada de ar fresco”. A longa carreira da jornalista também está repleta de episódios caricatos, tal como o vídeo que realizou na companhia de colegas de trabalho, a emitir no final do último jornal. O vídeo foi para o ar e, apesar de “Clara em Castelo” - tal como era apelidada por alguns colegas em tom de brincadeira -, achar engraçado, os telespectadores não partilharam a mesma opinião. Apesar da relação a longo prazo - 27 anos - com a SIC, Castelo mostra-se aberta a novas experiências para sair da sua zona de conforto: “Acredito ainda haver espaço para descobertas, aprendizagem e novos projetos”. Alguns jornalistas adotam uma atitude pessimista relativamente ao futuro dos media regionais mas, segundo Castelo, estes deviam diferenciar-se “pela aposta no noticiário e reportagens locais”, assim como pela inclusão de uma visão regional perante as questões nacionais - representando a diversidade das comunidades e dando voz às suas preocupações, ambições e projetos. Os media locais ainda são importantes mas, para a jornalista, estes ainda podem ganhar ainda mais importância através da análise de assuntos relevantes para a vida das comunidades, como a contribuição “para a melhoria da qualidade de vida.” Independentemente do meio de comunicação social, quer tradicionais ou novos media, Carla Castelo acredita que a qualidade, rigor e credibilidade do trabalho jornalístico devem estar na base de qualquer órgão, “fornecendo ao público informação factual”. Castelo revela não saber a melhor forma para os media regionais atingirem o mesmo patamar de sucesso dos media nacionais, mas salienta a importância dos órgãos de comunicação social locais em manterem a sua independência, para que desta forma possam evitar o jogo de grupos económicos ou interesses políticos locais.

Ter uma visão regional nas questões nacionais

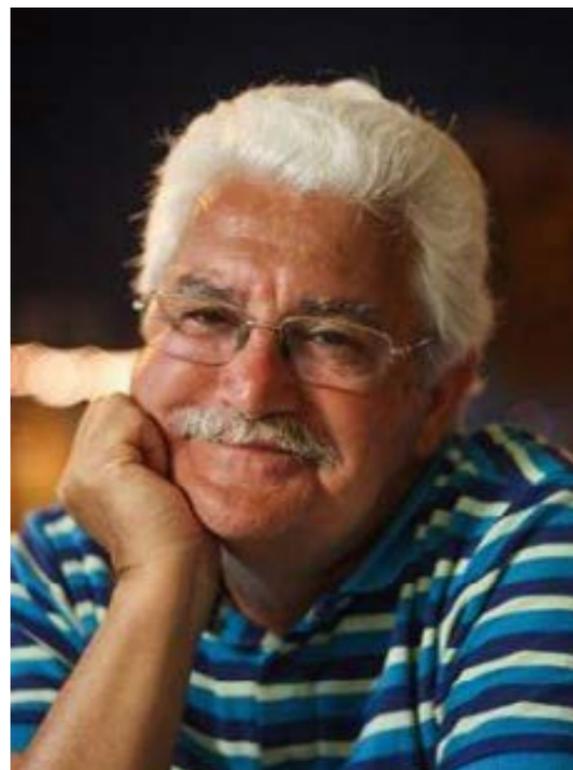
MELÍCIA FRANCISCO E NADINE CONTADOR

“

Acredito ainda haver espaço para descobertas, aprendizagem e novos projetos.



O contributo do seio familiar na criação de um jornal é caso raro no mundo da comunicação, no entanto, António Sousa Pereira, diretor do jornal Rostos, tem esse privilégio. O filho disponibiliza voluntariamente todo o apoio digital, a nora trata da paginação e envia tudo para a gráfica, sendo que o proprietário apenas tem de recolher os jornais. Tem mais duas filhas, que trabalharam consigo na redação e que continuam ainda hoje ligadas ao Rostos, disponibilizando artigos e fotografias. Quanto à contabilidade do jornal, está completamente a cargo da esposa de António. Uma vida ligada ao associativismo e à comunidade barreirense desde tenra idade, é assim que podemos descrever António Sousa Pereira, diretor do jornal Rostos, que vê no jornalismo uma das suas grandes paixões. Nascido em Vila Real de Santo António, mudou-se para Lisboa com sete anos e, posteriormente, com 20, para o Barreiro, onde construiu toda a sua vida, por razões de proximidade à capital. Revela que o projeto que desenvolveu - o jornal Rostos - outrora passou por momentos bastante delicados, nomeadamente a nível financeiro, muito por culpa da falta de apoio da autarquia do concelho e de capitais próprios. Porém, conseguiu reabilitar o projeto e, atualmente, o próprio afirma: “Podemos considerar um jornal que respira saúde”. No entanto, Sousa Pereira revela que ainda existem objetivos a cumprir. Possui a vontade de construir uma redação, inicialmente com dois/três jornalistas, para mais tarde poder vê-la a crescer a passos largos, com a finalidade de salvaguardar e confiar o projeto: “No dia que tiver uma equipa sólida, sou um homem realizado. Sei que o projeto fica em boas mãos e posso desfrutar do resto da minha vida”. Se esse desejo não for concretizado, Sousa Pereira admite não ter “qualquer problema em tornar o projeto num blog para proveito próprio”. Acrescenta ainda que uma das suas prioridades é alterar a periodicidade do jornal de semestral para mensal. Para além do associativismo e do jornalismo - nos quais defende haver duas formas de estar: “querer ter emprego e fazer dinheiro” ou “ter o jornalismo no coração” -, Sousa Pereira tem também como grande paixão a poesia. De resto, conta já com vários livros editados e define-se como “110% jornalista e 50/60% poeta”. O homem de uma comunidade, que lhe reconhece o mérito pela sua dedicação, tem para consigo mesmo o compromisso de manter o jornal que construiu, e torná-lo “uma semente no mundo, ajudando-o todos os dias a crescer”.



António Sousa Pereira

Um Rosto da comunidade barreirense

ANA TOMÉ E DAVID SIMÕES



Crespo perante o amadorismo

MELÍCIA FRANCISCO E NADINE CONTADOR

”Foi um momento muito duro na vida do país”, afirma Anselmo Crespo, que considera que os incêndios de 2017 foram o acontecimento que evidenciou a incapacidade do Estado e a incompetência política em dar respostas aos fogos que mataram dezenas de portugueses, tendo causado vários prejuízos e deixado feridas por cicatrizar. Como subdiretor de um órgão de comunicação social tradicional, Crespo revela que os maiores desafios que enfrenta são colocar em prática um trabalho rigoroso e manter um padrão de exigência constante: “Fazer jornalismo num contexto económico cada vez mais difícil”; combater a desinformação e a concorrência de determinados marcas que adotam a postura de um órgão de informação – algo que, muitas vezes, não corresponde à realidade e, por último, a conversão e compatibilização de um meio tradicional como a rádio para o setor digital - como forma de atingir uma maior camada de público e tentar sobreviver num contexto repleto de concorrência. Atualmente, os media locais enfrentam várias adversidades, tais como a quebra das receitas publicitárias e a superioridade dos media nacionais. A forma de subjugar-las é apostar na produção de melhores conteúdos, que agradem o público e que se adaptem às suas necessidades: “As pessoas só estão disponíveis para pagar conteúdos de qualidade”. Apesar deste panorama atual, Crespo acredita que os meios de comunicação locais são importantes para o público devido à proximidade, cumprindo um papel que não deve ser

desvalorizado”. Defende ainda que a subserviência dos media locais ao poder como forma de sobreviver e o facto de se entregarem a determinados grupos económicos é um erro: “Querem usar os media locais para ganhar influência”. As medidas que os media devem adotar para se tornarem independentes e atingirem um patamar de sucesso é diligenciarem-se no meio digital, através de conteúdos exclusivos de qualidade e relevantes, o que implica fazer bom jornalismo. Apesar de Crespo não defender a subsidiação dos media - ao afirmar que “o Estado pode ajudar, se separar o trigo do joio” -, acredita que se houver uma regulação da profissão, as empresas ajudarão na organização dos media, já que não conseguem fazê-lo sozinhos. Relativamente a este tópico, Crespo critica a Entidade Reguladora da Comunicação pelo facto desta emitir licenças a determinados órgãos de comunicação que não estão diretamente ligados ao jornalismo, “mas que fazem concorrência direta aos media que fazem jornalismo”. Para combater o fenómeno das fake news - que descredibilizam os media convencionais - estes devem regressar ao “rigor, isenção e capacidade crítica”, sendo que, para Crespo, a melhor ferramenta que os órgãos de comunicação podem deter é a confiança das pessoas e, se não a possuem, devem melhorar o trabalho que estão a fazer. O subdiretor da TSF considera que a sua formação académica preparou-o para as exigências da sua área de trabalho, mas que as ferramentas práticas vêm do trabalho de campo e das atividades nas empresas.

“

Fazer jornalismo num contexto económico é cada vez mais difícil.

André Penim

O percurso profissional e pessoal do freelancer

CAROLINA LUZ E JOANA SENA

O gosto pela comunicação manifestou-se ainda durante a infância, na vila de Sesimbra, onde André Penim cresceu e, em conjunto com o irmão, recortava revistas e criava novas histórias que depois distribuíam pelas caixas de correio dos vizinhos. Penim afirma que ter a certeza do que não gostamos é meio caminho para chegar onde queremos - o seu estágio de final de curso no jornal Correio da Manhã é o exemplo prático deste lema. Além do fascínio pela rádio, a vertente televisiva do jornalismo surge na sua vida após 5 anos no curso de Comunicação Social no Instituto Politécnico de Setúbal. Depois, sente necessidade em aprender mais e, por esse motivo, realizou um curso profissional de um mês e meio em Jornalismo Televisivo no CENJOR. À medida que ia tendo experiências em jornalismo, a hipótese de carreira nesse sentido estava cada vez mais longe. Perante essa consciência, Penim faz uma pós-graduação em Apresentação Televisiva na Universidade Autónoma de Lisboa, que facilitou o seu lançamento para o mercado de trabalho. Realizou reportagens para o programa “As Tardes da Júlia”, participou, desde origem, na produção do canal Q – que refere ter sido um excelente desafio na medida em que puderam criar conteúdos próprios e com baixo orçamento –, fez alguns trabalhos na SIC e, atualmente, é editor de conteúdos na produtora Shine Ibéria em programas de horário nobre como é o caso do The Voice Portugal, Masterchef Júnior e Lip Sync Portugal. Realça como maior desafio a exigência de criatividade no processo de edição, porém refere que é prazeroso trabalhar em formatos totalmente diferentes em programas que têm a duração muito inferior a um ano. Paralelamente à vida profissional, Penim tem um enorme prazer em viajar e faz por conciliar a profissão de freelancer com a vida pessoal: “É sempre um período de tempo que fico sem trabalhar, mas é altamente recompensador”, destacando como países marcantes a Costa Rica, Filipinas e Moçambique. Em 14 anos de televisão, o que mais o entusiasma é estar fora da zona de conforto em cada desafio que aceita. No entanto, vê a televisão a fazer um percurso com o qual não se identifica: “Recusei fazer o programa Quem quer casar com o meu filho (TVI), porque não me identificava, mas se o tivesse de fazer, fazia. No entanto, se fosse por esse caminho, ia ser terrivelmente infeliz”. Realça que se identifica cada vez menos com os formatos dos programas que estão a surgir e que não têm nada a ver com a sua maneira de estar na vida. Refere que enquanto não lhe tirarem o sono e tiver o discernimento de perceber que o que faz não reflete a sua personalidade, mantém-se no ativo, mas não esquece o gosto pela rádio nem recusa a ideia de vir a sair da televisão. 📍

“

É sempre um período de tempo que fico sem trabalhar, mas é altamente recompensador.



Uma jornalista quase decoradora

Começou no jornalismo de forma inusitada. Ana Maria Santos estudou decoração de interiores no Brasil e pretendia trabalhar na área, porém quando chegou a Portugal não havia equivalência para o curso que se tinha formado. Quando começou a procurar por emprego, surgiu a oportunidade de fazer um teste que a fez ir parar ao Setubalense, onde trabalhou durante 32 anos. Depois de estar no Setubalense, Ana Maria Santos fez vários cursos de formação, principalmente na área jurídica, no Centro de Estudos Judiciários, de forma a aperfeiçoar determinadas capacidades que lhe seriam exigidas na área onde queria trabalhar. Por sair da decoração diretamente para o jornalismo, Ana Maria Santos confessa que passou por alguns obstáculos: “As maiores dificuldades que tive foram principalmente a nível da abordagem, ou seja, quando eu ia fazer uma reportagem, quando ia entrevistar, tive que aprender porque não era o que eu tinha estudado. A nível de escrita, nem por isso porque eu sempre gostei de ler e de escrever. É claro que houve regras que tive que aprender, mas tive muitos problemas de como começar uma reportagem quando chegava ao terreno”. As suas dificuldades iniciais foram amenizadas uma vez que Ana Maria Santos procurou ler muito sobre a comunicação social, ajudando-a a ganhar conhecimento. Por já ter trabalhado por conta de outrem e por conta própria, afirma que a primeira opção é a mais fácil, uma vez que teve problemas financeiros para manter a sua redação no ativo, porque chegou a uma fase em que teve que mandar os funcionários embora por não ter como lhes pagar o salário no fim do mês. Atualmente, trabalha sozinha e conta que perde

muito tempo em ir ao terreno recolher informações e, depois, em ter de preparar a reportagem e publicá-la: “Gosto muito mais de ter pessoas para trabalhar comigo. Enquanto um está na rua a fazer a recolha de dados, o outro está na redação a fazer os textos e publica-los”. Sobre o jornalismo em Setúbal, primeiramente Ana Maria Santos preferiu não se pronunciar sobre o assunto: “Posso não responder?” Porém, depois de algum tempo em silêncio, explicou como vê o jornalismo na região: “Neste momento, existe um jornal em Setúbal - que é a junção de dois jornais. Quanto às rádios, elas fazem o seu papel, mas já não há nenhuma [rádio] de qualidade em Setúbal como foi a Rádio Azul. Tal como já não há nenhum jornal como o Setubalense, uma referência não só em Setúbal mas também a nível nacional”. Quando questionada se já se deparou com alguma situação desconfortável com a qual teve de lidar e cobrir, Ana Maria Santos admite que já aconteceu em mais do que uma ocasião: “As reportagens de abuso ou maltratos a crianças eram as que mais me revoltava fazer”. Por ter estado ligada durante muitos anos ao jornalismo jurídico e criminal, Ana Maria Santos já passou por várias situações perigosas: “Tive uma situação num julgamento de uma máfia do leste. Quando o julgamento terminou, um dos arguidos russos disse umas palavras, e eu perguntei imediatamente ao tradutor o que ele tinha dito. Ele disse que nos ia matar a todos lá fora. Por isso é que, em tantos anos de jornalismo, não tenho a minha imagem exposta, não tenho nenhuma imagem minha publicada - nem nas redes sociais. Muitos conhecem o meu nome, mas não conhecem a minha cara”.

Da opção à paixão

ESTEFÂNIA DA COSTA E PEDRO BEZANILLA



O QUE PERDUROU NA MEMÓRIA DE

ADELAIDE COELHO ?

MELÍCIA FRANCISCO E NADINE CONTADOR

“

A postura profissional de um iniciante passa imenso por quem o forma e onde se forma.



É com pesar que Adelaide Coelho recorda a morte de Zeca Afonso. Tendo sido provavelmente a primeira jornalista a noticiar a morte do cantor, esta é a história que mais lhe custou abordar. Para si, o músico “era um símbolo de liberdade, de contestação, de luta, de liberdade de expressão!”, e conta que passou a noite em claro para anunciar o óbito do ídolo da música. Teve de fazer o seu trabalho de jornalista e fazer a cobertura do velório mas, a partir de um momento, a dor falou mais alto e não conseguiu conter-se: “Creio que no segundo ou terceiro direto até me emocionei... as lágrimas caíram, a voz quase fugiu!” Portugal esteve de luto com a morte do cantor e compositor que até hoje ocupa um lugar especial no coração dos portugueses. As célebres músicas, nomeadamente “Grândola, vila morena” simbolizavam a libertação e emancipação de um povo marcado pelas correntes de opressão e censura, que terminaram em 1974. As pessoas que fizeram parte da sociedade portuguesa precedente à revolução dos cravos, como Adelaide Coelho, reconhecem Zeca Afonso como uma figura de resistência e recordam o prestígio que deixou. Jorge Simões foi o seu mentor enquanto estagiava na Rádio Azul. Desde cedo, aprendeu através do mesmo que o jornalista deve ser imparcial, adotar sempre uma postura isenta e nunca tomar partidos. Adelaide Coelho recorda com alegria que esta foi uma das várias lições ensinadas por Simões, o diretor de informação que praticamente lhe ensinou tudo o que sabe da sua profissão. Para

Coelho, “a postura profissional de um iniciante passa imenso por quem o forma e onde se forma”, acrescentando que o trabalho que realizou numa rádio com o estatuto de “pirata” foi certamente um fator determinante na sua carreira de sucesso. Permitiu a abertura de muitas portas e trabalhar em órgãos de comunicação social de renome como a SIC, Lusa e Diário de Notícias. Um momento que perdura na sua memória enquanto jornalista na Rádio Azul foi o desembarque de dois jovens tunisinos ilegais no porto de Setúbal - informação fornecida por uma das suas fontes, na época um funcionário do SEF. Curiosa pela história, Coelho foi atrás da mesma mas teve vários obstáculos e desencontros para encontrar os dois jovens. Devido à sua perseverança, Coelho conseguiu conversar com os tunisinos em exclusivo para a Rádio Azul e para a Agência Lusa. Posteriormente, ligou para a embaixada para saber mais informações no caso dos emigrantes, porém sem sucesso. Até hoje, não tem nenhuma notícia sobre os mesmos. Apesar de ter trabalhado em diferentes media, Coelho não consegue nomear um em particular que aprecie mais que os restantes, afirmando apenas gostar de informar e trabalhar neste meio. A jornalista possui uma longa carreira profissional e uma coletânea de experiências e algumas ideias que gostaria de colocar em prática. Mas, a hipótese de realizá-las não são através de um cargo de relevo e, por isso, tal ideia nunca a atraiu. Como aprendeu ao trabalhar em televisão, prefere executar as suas ideias pelo trabalho de equipa.📍



IPS Instituto
Politécnico de Setúbal

1979 - 2019

Juntos comemoramos 40 anos de uma história com futuro.

Participa na celebração do 40.º aniversário do IPS.



PROGRAMA COMPLETO EM www.ips.pt



PERFILLOCAL.REDACAO@ESE.IPS.PT



FACEBOOK.COM/PERFILLOCAL



TWITTER.COM/PERFILLOCAL



INSTAGRAM.COM/PERFILLOCAL



[INSTITUTO POLITÉCNICO DE SETÚBAL](#)

MEDIA PARTNER

o setubalense

ADELAIDE COELHO ANA MARIA
SANTOS ANSELMO CRESPO ANDRÉ
PENIM ANTÓNIO SOUSA PEREIRA
CARLA CASTELO CARMELO
GARITAONAINDIA CAROLINA BICO
CATARINA RODRIGUES CLÁUDIA
ALDEGALEGA CLÁUDIO ANAIA
CRISTINA PATACAS DAVID PEREIRA
ETELVINA BAÍA FÁTIMA BRINCA
FERNANDO FITAS FLÁVIO ANDRADE
FRANCISCO ALVES RITO GUALTER
RIBEIRO HELGA NOBRE
HUMBERTO LAMEIRAS JOÃO
ALDEIA JOÃO PEDRO AMARAL
JORGE PEDRO SOUSA JOSÉ LUÍS
ANDRADE JOSÉ PINA LÍDIA
MARÔPO LUÍS BONIXE LUÍS
LOURENÇO LUÍS MESTRE MÁRIO
RUI SOBRAL
MIGUEL AZEVEDO MIGUEL PERES
PAULO SÉRGIO PEDRO BRINCA
RAQUEL GRANDIM REGINA
MARQUES SOFIA GARCIA VANESSA
GIL ZÉLIA BORDALO